

INFORMAÇÃO DAS TERRAS DO BRASIL

A constituição dos saberes agrários brasileiros: um fenômeno
em transmutação no Estado monárquico português

Geraldo Moreira Prado

Tese apresentada ao Centro de Pós-Graduação em Desenvolvimento Agrícola (CPDA) do Departamento de Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (DDAS), do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (IFHS) da UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO (UFFRJ), como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutor em Ciência (Desenvolvimento, Sociedade e Agricultura), aprovada em 03 de dezembro de 1999.

Banca examinadora

Prof. Dr. Luiz Flávio de Carvalho Costa (orientador)

Prof. Aldo de Albuquerque Barreto, Ph.D

Prof. Dr. Hector Alimonda

Prof. Dr. José Augusto Pádua

Prof^a. Dr^a. Maria de Nazaré de Freitas

Rio de Janeiro, 03 de dezembro de 1999

Ficha catalográfica

PRADO, Geraldo Moreira

Informação das terras do Brasil.

Constituição dos saberes agrários brasileiros: um fenômeno em transmutação no Estado Absolutista Português.

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/ Centro de Pós-Graduação em Desenvolvimento Agrícola/, 1999.

Ph.D em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade.

Orientador:

Prof. Dr. Luiz Flávio de Carvalho

734páginas, incluindo bibliografia e memorial.

Descritores:

1 tese; 2. Desenvolvimento, agricultura e sociedade; 3. Colonização do Brasil; 4. Corte Portuguesa; 5. Economia agrícola; 6. Economia Colonial; 7. Estado monárquico português. 8. Expansão comercial portuguesa; 9. História das técnicas agrárias luso-brasileiras.

I. Tese. II. Título. III. Desenvolvimento Agrícola.

CDU: 631:33 [469-41] "14/18" [093]

CDD: 338.10981
338.109469

| Sumário | páginas |
|---|----------------|
| Índice geral das figuras — | xii |
| Epígrafe — | xvii |
| Resumo — | xix |
| Abstract — | xx |
| Le résumé — | xxi |
| Biografia do autor | xxii |
| Dedicatória —..... | xxiii |
| Homenagem — | xxiv |
| Créditos — | xxv |
| Agradecimentos —..... | xxvi |
| Siglas, nomes e locais dos Arquivos, Bibliotecas e Museus pesquisados— | xxxviii |
| Introdução à feição de uma pré-liminar da tese —..... | 42 |
| 1) O início —..... | 42 |
| 2) A opção —..... | 46 |
| 3) Alguns conflitos — | 53 |
| 4) O aparente fim do conflito — | 63 |
| 5) O recuo no tempo — | 67 |
| 6) As normas e convenções seguidas — | 72 |
| 7) O estilo — | 73 |
| 8) A divisão da tese —..... | 78 |
| 9) O pré-juízo final —..... | 86 |
| Capítulo I. A barca da exegese: ou navegar com o levitar da palavra seguindo um objeto em direção a um ponto que nem sempre é o final — | 90 |
| 1. O levitar da palavra no passado transcendental dos saberes agrários Brasileiros —..... | 91 |
| 1.1 O sentido da palavra no passado transcendental | |

| | |
|--|-----|
| da linguagem — | 108 |
| 1.1.1 O significado sintáxico da palavra no contexto da historicidade do discurso das fontes testemunhos, especialmente as usadas nesta tese — | 115 |
| 1.1.1.1 A transmutação da palavra na estrutura da linguagem do discurso dos saberes — | 132 |
| | |
| Capítulo II. O sentido lógico das fontes testemunhos — | 147 |
| 2. Fontes testemunhos: representação de fatos e/ou acontecimentos.. | 148 |
| 2.1 O valor da palavra no discurso prende-se à historicidade das fontes testemunhos — | 179 |
| | |
| Capítulo III. O sentido do discurso na escrita da história e na literária.. | 188 |
| 3 A escrita da história —..... | 189 |
| 3.1 a escrita literária — | 194 |
| 3.1.1 O sentido do discurso da história de curta e longa duração—..... | 203 |
| 3.1.1.1 Reciprocidade entre o sentido do discurso da história — | |
| e o fenômeno da informação — | 219 |
| 3.1.1.1.1 Preparando a partida da barca da exegese com algumas palavras consolidativas ao capítulo — | 228 |
| | |
| Capítulo IV. Cena introdutória ao passado transcendental | |
| dos saberes agrários brasileiros — | 236 |
| 4 Gênese — | 237 |
| 4.1 Entre o discurso do texto e o contexto da época — | 239 |
| 4.1.1 Local ideal para uma concepção textual — | 248 |
| 4.1.1.1 A sua fama espelha nos títulos dos seus feitos e efeitos — | 257 |
| | |
| 4.1.1.1.1 D. Manuel I, “rei sangüíneo, extensão determinada de uma nova cultura” nascida no crepúsculo de um mundo | |

| | |
|--|-----|
| em transmutação — | 266 |
| 4.1.1.1.2 Manifestam-se “as reações sangüíneas do passado transcendental” de D. Manuel I — | 279 |
| Capítulo V. Reciprocidades entre o passado transcendental dos saberes agrários brasileiros e os laços sangüíneos de D. Manuel. — ... | 283 |
| 5. A tradição da Coroa portuguesa desde o Mestre de Avis não era o saber agrário — | 284 |
| 5.1 A vocação natural do Mestre de Avis não era a agricultura, mas a “Fé”, a “Guerra”, a construção de Mosteiros e a Expansão marítimo-comercial de Portugal — | 292 |
| 5.1.1 Portugal,1385, um outro espelho fátuo: a ascensão da nova fidalguia comercial-guerreira ao poder — | 305 |
| 5.1.1.1 Da vila de Sagres à ideação do Infante conquistar terras desconhecidas —..... | 317 |
| 5.1.1.1.1 De Sagres à outra ilha desconhecida: os ‘primeiros frutos da adonação’ do além-mar português —..... | 322 |
| 5.1.1.1.2 A coroa dos reis de Portugal era de ouro, prata, escravos, comércio e navegação, exceto de embrião de grãos — | 333 |
| Capítulo VI. Saberes agrários brasileiros ocultos nas informações do passado transcendental da cartografia portuguesa — | 341 |
| 6 Reciprocidades: ciência-saber-religião-mundo na cartografia portuguesa medieval e renascentista — | 342 |
| 6.1 Cartografia portuguesa: materialidade da representação cosmológica dos séculos XIV ao XVI — | 351 |
| 6.1.1 O uso do astrolábio e demais instrumentos de marear com complemento à percepção do Universo — | 359 |
| 6.1.1.1 O serviços prestados por D. Manuel a Deus e | |

| | |
|--|-----|
| ao Império colonial português — | 376 |
| Capítulo VII. O olhar europeu para a Terra dos Papagaios, segundo a cartografia e demais testemunhos — | 385 |
| 7 Cartografia: experiência prática na Terra modificando a cosmologia universal | 386 |
| 7.1 América (Brasil): materialidade cosmologia pela produção do sentido do discurso cartográfico — | 400 |
| 7.1.1 América (Brasil) no discurso do confronto — | 416 |
| Capítulo VIII. Século XVI: Terra Brasilis. À vista!!! — | 441 |
| 8 A barca da exegese faz a anunciação da Terra Brasilis — | 443 |
| 8.1. Palavras preliminares ao capítulo — | 443 |
| 8.1.1 “Da Corografia Brasílica” e da “ordem de povoar” — | 451 |
| 8.1.1.1 Da extensão para o interior e de algumas riquezas que nesta Terra tem — | 465 |
| 8.1.1.1.1 a posição que o Brasil Ocupa no Globo Terrestre — | 469 |
| 8.1.1.1.2 Algumas informações sobre saberes agrários segundo o mapa Terra Brasilis e demais testemunhos do século XVI — | 475 |
| 8.1.1.1.3 Saberes agrários no silêncio do discurso da catequização — | 504 |
| Capítulo IX. Século XVII: Cena conclusiva ao passado transcendental dos saberes agrários brasileiros | |
| 9 Século XVII: Terras invadidas ou salvas dos inimigos? — | 521 |
| 9.1 Na política lusitana o que estava se passando? — | 530 |
| 9.2 Região Norte — | 570 |
| a) Capitania do Grão-Pará— | 570 |
| b) Capitania do Maranhão —..... | 585 |
| 9.3 Região Nordeste — | 594 |
| a) Capitânicas do Ceará e Rios Grande do Norte — | 594 |

| | |
|--|-----|
| b) Capitânicas da Paraíba, Pernambuco e Alagoas —..... | 595 |
| c) Capitânicas da Bahia, Ilhéus e Porto Seguro —..... | 601 |
| d) Capitania de Ilhéus —..... | 602 |
| e) Capitania de Porto Seguro —..... | 603 |
| 9.4 Região Sudeste — | 606 |
| a) Capitania do Espírito Santo —..... | 606 |
| b) Capitania de Pero de Góis —..... | 607 |
| c) Distrito do Rio de Janeiro —..... | 608 |
| d) Capitania de São Vicente —..... | 610 |
| e) Capitania de Santo Amaro —..... | 611 |
| 9.5 Região Sul — | 613 |
| Breves considerações —..... | 618 |
| Bibliografia da Tese —..... | 625 |
| fontes primárias —..... | 625 |
| 1.1 Manuscritos —..... | 625 |
| 1.2. Periódicos —..... | 639 |
| 1.3 Obras gerais —..... | 649 |
| 1.4 Obras de referência —..... | 703 |
| 1.5 Bibliografia das ilustrações —..... | 706 |
| 1.6 Iconografias consultadas em acervos específicos —..... | 710 |
| 1.7 Anexo I: Memorial de Geraldo Moreira Prado por Alagoinhas —..... | 717 |

Índice geral das figuras

páginas

| | |
|--|-----|
| Figura 1. Sem título 1 —..... | 42 |
| Figura 2. Sem título 2 — | 89 |
| Figura 3. Desembarque de Cristóvão Colombo na América — | 90 |
| Figura 4. América, fim do século XVI, manufatura de Gobelins — | 97 |
| Figura 5. 1) Homem Tupinambá; 2) Mulher Tupinambá; 3) Mameluco | 98 |
| Figura 6. 1) Negro; 2) Negra; 3) Mestiço — | 98 |
| Figura 7. Europa — | 124 |
| Figura 8. Ásia — | 125 |
| Figura 9. África — | 126 |
| Figura 10. Amérique, 1666 — | 127 |
| Figura 11. Retrato de Thevet — | 129 |
| Figura 12. Índio serrando madeira —..... | 137 |
| Figura 13. Festa oferecida pelo dono do mutirão — | 143 |
| Figura 14. America — | 147 |
| Figura 15. Retrato de Brás Cubas —..... | 150 |
| Figura 16. Retrato de Staden — | 150 |
| Figura 17. Chegada ao Abrigo — | 152 |
| Figura 18. Utensílio indígenas —..... | 153 |
| Figura 19. Assalto dos Tupinambás — | 153 |
| Figura 20. Uma aldeia..... | 153 |
| Figura 21. Ritual de esquarteamento e Assamento..... | 154 |
| Figura 22. Canibalismo..... | 155 |
| Figura 23. Lamento — | 155 |
| Figura 24. Massacre — | 156 |
| Figura 25. Equarrissage — | 156 |
| Figura 26. Retrato de Ptolomeu — | 163 |
| Figura 27. Retrato de Copérnico — | 163 |
| Figura 28. Teoria das Marés de Galileu — | 167 |
| Figura 29. Mapa Terra Brasilis — | 169 |
| Figura 30. Mapa Brasil de Albernaz — | 170 |
| Figura 31. Tratado de Tordesilhas — | 170 |
| Figura 32. Les Ambassadeurs —..... | 187 |
| Figura 33. Libro del Famoso Marco — | 188 |
| Figura 34. Liber Cronicarum — | 194 |
| Figura 35. A Criação e a História — | 199 |
| Figura 36. O Paraíso Terrestre — | 200 |
| Figura 37. A Denominação dos Animais — | 200 |
| Figura 38. Tentação de Eva —..... | 200 |
| Figura 39. Eva Tenta Adão — | 201 |
| Figura 40. Expulsão do Paraíso — | 201 |
| Figura 41. Retrato e Visão de Inácio de Loyolla — | 209 |
| Figura 42. Colégio dos Jesuítas no Brasil — | 210 |

| | |
|--|-----|
| Figura 43. Org. das Sociedades Ameríndias — | 210 |
| Figura 44. Fachada do Colégio Jesuítico da Horta — | 211 |
| Figura 44a. L'isle du Brèsil — | 234 |
| Figura 45. Nau do século XV — | 236 |
| Figura 46. Auto-de-fé no Terreiro do Paço — | 237 |
| Figura 47. Retrato de Damião de Góis — | 241 |
| Figura 48. Fortaleza de Ormuz — | 243 |
| Figura 49. Portugueses em Ormuz — | 249 |
| Figura 50. Retrato de D. Manuel I — | 254 |
| Figura 51. Cantigas — | 255 |
| Figura 52. Retrato de D. João II — | 260 |
| Figura 53. Retrato de D. Henrique — | 272 |
| Figura 54. Estandarte de D. Manuel — | 266 |
| Figura 55. A Inquisição —..... | 276 |
| Figura 56. Representação simbólica. Custódia da Era Manuelina —..... | 279 |
| Figura 57. Retrato de D. João I —..... | 282 |
| Figura 58. Casamento de D. João I com D. Felipa — | 285 |
| Figura 59. Universidade no século XV — | 289 |
| Figura 60. Cena familiar e trabalho rural —..... | 290 |
| Figura 61. Cena de Pastoreio No Século XV —..... | 290 |
| Figura 62. A Pesca — | 291 |
| Figura 63. A Caça — | 291 |
| Figura 64. A Ceifa — | 291 |
| Figura 65. A Vindima — | 291 |
| Figura 66. Sede da Ordem de Cristo —..... | 292 |
| Figura 67. Batalha de Aljubarrota — | 294 |
| Figura 68 Serra de Reguengo — | 296 |
| Figura 69. Aldeia de Aljubarrota — | 296 |
| Figura 70. Planalto de São Mamede — | 296 |
| Figura 71. Porta estilo manuelino — | 297 |
| Figura 72. Vista antiga do Mosteiro — | 297 |
| Figura 73. Planta do Mosteiro — | 298 |
| Figura 74. Vista geral do Mosteiro — | 299 |
| Figura 75. Nave da Igreja — | 299 |
| Figura 76. Exterior do Mosteiro da Batalha —..... | 300 |
| Figura 77. Claustro Real das Capelas Imperfeitas —..... | 300 |
| Figura 78. Pilger Von Christus — | 306 |
| Figura 79. Dragões Marinhos — | 306 |
| Figura 80. Representações do Hipupiara — | 307 |
| Figura 81. Nativo golpeando um Monstro — | 308 |
| Figura 82. Astrolábio do Infante — | 308 |
| Figura 83. Astrolábio de Zurara —..... | 309 |
| Figuras 84 e 85. Planta da Região de Sagres e do Cabo de S. Vicente e Vista Aérea da “Correnteza” de Sagres — | 317 |

| | |
|--|-----|
| Figura 86. Capa da Bíblia Hebraica de 1299 — | 328 |
| Figura 87. Caravela Portuguesa — | 328 |
| Figura 88. Biombo do Século XVI — | 328 |
| Figura 89. Caravela portuguesa do século XVI..... | 329 |
| Figura 90. Nobreza Portuguesa — | 332 |
| Figura 91. Fernão de Magalhães, Vasco da Gama e Rosa-dos-ventos | 334 |
| Figura 92. Lisboa no Século XVI —..... | 338 |
| Figura 93. Rua dos Mercadores — | 338 |
| Figura 94. Mulheres do Povo — | 339 |
| Figura 95. Homens do Povo — | 339 |
| Figura 96. Mercadores Portugueses —..... | 340 |
| Figura 97. Almagesto de Ptolomeu — | 343 |
| Figura 98. Água-forte do século XVI — | 343 |
| Figura 99. O sol no centro do Universo... do sistema de Ptolomeu — | 344 |
| Figura 100. Máquina do Mundo — | 352 |
| Figura 101. Dois corpos celestes — | 353 |
| Figura 102. Gênios soprando ventos —..... | 355 |
| Figura 103. Theatrvm Mvndi. — | 356 |
| Figura 104. Mapa Mundi de 1505 —..... | 358 |
| Figura 105. Bússola de Duarte Pacheco —..... | 359 |
| Figura 106. Duarte Pereira — | 359 |
| Figura 107. Carta de Marear italiana — | 360 |
| Figura 108. Astrolábios do século XIII —..... | 360 |
| Figura 109. Astrolábio <i>de</i> Arsênio —..... | 361 |
| Figura 110. Carta de Devaulx de 1583 —..... | 362 |
| Figura 111. Tratado de Pedro Nunes — | 363 |
| Figura 112. Regimento das Léguas — | 364 |
| Figura 113. O Astrolábio de Staden — | 365 |
| Figura 114. Torquetum — | 367 |
| Figura 115. Desenho de Kepler —..... | 368 |
| Figura 116. Palácio de Tycho Brahe — | 368 |
| Figura 117. Observatório subterrâneo de Tycho Brahe —..... | 369 |
| Figura 118. Passagem meridiana —..... | 370 |
| Figura 119. La Vogue des Jardins —..... | 373 |
| Figura 120. Nave da Cristandade —..... | 377 |
| Figura 121. Mapa do Tratado de Tordesilhas — | 379 |
| Figura 122. Parte americana do Planisfério —..... | 385 |
| Figura 123. Mapa-mundi de Waldseemüller de 1507 — | 404 |
| Figura 124. Terra Papagalli —..... | 404 |
| Figura 125. Planisfério del Cantino — | 405 |
| Figura 126. Araras del Cantino — | 405 |
| Figura 127. Kunambara — | 413 |

| | |
|--|-----|
| Figura 128. Árvore Paquoeure — | 414 |
| Figura 129. Imagem do Novo Mundo —..... | 418 |
| Figura 130. Festa em Rouen — | 419 |
| Figura 131. Episódio brasileiro na festa de Rouen (1550) — | 449 |
| Figura 132. Mapa Mundi do século XIII... — | 424 |
| Figura 133. Terra Incognita — | 424 |
| Figura 134. Rosa-dos-ventos... — | 425 |
| Figura 135. Representações da América —..... | 428 |
| Figura 136. Alegoria da América —..... | 434 |
| Figura 137. A Armada de Pedro Álvares Cabral —..... | 439 |
| Figura 138. Mapa Terra Brasilis — | 442 |
| Figura 139. Europeus destruindo uma Aldeia... —..... | 449 |
| Figura 140. Mapa de Staden — | 459 |
| Figura 141. Mapa Ilha de Thevet —..... | 460 |
| Figura 142. Índio preparando vinho de caju —..... | 475 |
| Figura 143. Índios do Brasil — | 476 |
| Figura 144. Besta conhecida — | 477 |
| Figura 145. Oraboutan — | 477 |
| Figura 146. Método de fazer fogo —..... | 478 |
| Figura 147. Mandioca. Século XVII —..... | 479 |
| Figura 148. Maneira de fazer bebidas — | 480 |
| Figura 149. Potrait de Maniba —..... | 481 |
| Figura 150. Chefe Tupinambá —..... | 488 |
| Figura 151. Engenho do século XVI —..... | 490 |
| Figura 152. Engenho manual —..... | 491 |
| Figura 153. Engenho de açúcar —..... | 492 |
| Figura 154. Indústria de tabaco —..... | 493 |
| Figura 155. Flora brasileira —..... | 497 |
| Figura 156. Estágio tecnológico —..... | 498 |
| Figura 157. Vista de um engenho de açúcar —..... | 499 |
| Figura 158. O Rio São Francisco —..... | 500 |
| Figura 159. Carro de boi de Barlaeus —..... | 502 |
| Figura 160. Carro de boi de Nieuhof — | 502 |
| Figura 161. Carro de boi — | 503 |
| Figura 162. O Inferno — | 513 |
| Figura 163. Adoração dos Reis Magos — | 516 |
| Figura 164. Europeus desembarcam em terras de índios | 519 |

| | |
|--|-----------|
| Figura 165. Mapa do Brasil do século XVII — | 520 |
| Figura 166. Capa do livro de Albernaz — | 525 |
| Figura 167. Planta do Rio de Janeiro — | 526 |
| Figura 168. Flor-de-lis — | 527 |
| Figura 169. Figura Alegórica — | 528 |
| Figura 170. Casa de Índio — | 529 |
| Figura 171. Retrato de Felipe II da Espanha — | 531 |
| Figura 172. Sonho de Felipe II da Espanha —..... | 532 |
| Figura 173. Carlos V — | 532 |
| Figura 174. Composição com cabaças, frutas e cactos —..... | 547 |
| Figura 175. Usina de açúcar — | 548 |
| Figura 176. Engenho de açúcar — | 549 |
| Figura 177. Engenho de açúcar — | 550 |
| Figura 178. Formas para açúcar — | 550 |
| Figura 179. Bananeira, séc. XVII — | 552 |
| Figura 180. Paulistas aprisionam índios — | 556 |
| Figura 181. Mangaba, século XVI — | 562 |
| Figura 182. Amendoim, século XVII — | 562 |
| Figura 183. Cesta de especiaria — | 563 |
| Figura 184. D. João IV — | 569 |
| Figura 185. Província do Grão-Pará — | 570 |
| Figura 186. D. Pedro II de Portugal — | 577 |
| Figura 187. Província do Maranhão —..... | 583 |
| Figura 188. Carta da costa do Ceará —..... | 592 |
| Figura 189. Costa do Rio Grande do Norte —..... | 593 |
| Figura 190. Carta da Costa da Paraíba e Pernambuco—..... | 594 |
| Figura 191. Carta da Costa Baía de Todos os Santos—..... | 600 |
| Figura 192. Carta da Costa de Ilhéus —..... | 601 |
| Figura 193. Carta da Costa de Porto Seguro —..... | 602 |
| Figura 194. Carta da Costa do Espírito Santos —..... | 605 |
| Figura 195. Carta da Costa Pero Góis —..... | 606 |
| Figura 196. Carta da Costa do Rio de Janeiro —..... | 607 |
| Figura 197. Fábrica de Anil no Rio de Janeiro —..... | 610 a 618 |
| Figura 198. Carta da Costa de São Vicente—..... | 620 |
| Figura 199. Carta da Costa que se estende do Rio Grande até..... | 621 |
| Figura 200. Carta da costa entre o Cabo de —..... | 622 |
| Figura 201. Cabo de Santo Antônio (Argentina) até... o Rio da Prata..... | 625 |
| Figura 202. Carta da foz do Rio da Prata | 627 |

Hino Nacional

Carlos Drummond de
Andrade

*Precisamos descobrir o Brasil!
Escondido atrás das florestas,
com água dos riso no meio,
o Brasil está dormindo, coitado.
Precisamos colonizar o Brasil.*

*O que faremos importando francesas
muito louras, de pele macia,
alemãs gordas, russas nostálgicas para
garçonettes dos restaurantes noturnos.
E virão sírias fidelíssimas.
Não convém desprezar as japonesas...*

*Precisamos educar o Brasil.
Compraremos professores e livros,
assimilaremos finas culturas,
abriremos dancings e sobvencionaremos as elites.*

*Cada brasileiro terá sua casa
com fogão e aquecedor elétricos, piscina,
salão para conferências científicas.
E cuidaremos do Estado Técnico.*

*Precisamos louvar o Brasil.
Não é só um país sem igual.
Nossas revoluções são bem maiores
do que quaisquer outras; nossos erros também.
E nossas virtudes? A terra das sublimes paixões...
os Amazonas inenarráveis... os incríveis
João-Pessoas...*

*Precisamos adorar o Brasil!
Se bem que seja difícil caber tanto oceano e tanta*

solidão

no pobre coração já cheio de compromissos...

se bem que seja difícil compreender o querem esses

[homens,

por que motivo eles se ajustaram e qual a razão de seus

[sofrimentos.

Precisamos, precisamos esquecer o Brasil!

Tão majestoso, tão sem limites, tão despropositado, ele

quer repousar de nossos terríveis carinhos

O Brasil não nos quer! Está farto de nós!

Nosso Brasil é no outro mundo. este não é o Brasil.

Nenhum Brasil existe. E acaso existirão os brasileiros?

Resumo

À luz da Teoria da Análise do Discurso analisou-se obras de cronistas portugueses dos séculos XIV ao XVII, as de cronistas e viajantes sobre o Brasil: do século XVI às primeiras décadas do XVIII e algumas cartografias luso-brasileiras do século XV ao XVII. Ressalta o conceito de passado transcendental dos referidos saberes, centrado em D. Manuel I, síntese de uma realidade iniciada com ascensão da nova monarquia *mercantil-guerreira* portuguesa ao poder, à sombra do Mestre de Avis. Investiga a política mercantil-agrária portuguesa: das experiências com cana-de-açúcar, em 1404, nos Algarves à da Ilha da Madeira. De 1550 em diante, esta experiência passa ser a dominante no Brasil. Durante esse período, as coroas dos reis de Portugal eram de ouro, prata, escravos, comércio e navegação, exceto de embrião de graus. A Cosmologia escolástico-ptolomaica europeia subordina os demais saberes, particularmente os agrários, esses ainda presos à posição dos signos de cada mês. Analisa a ruptura da mesma, associada ao olhar para a América (Brasil), Paraíso Terreal, entre os séculos XVI e início do XVIII. O século XVI tomou-se por base o mapa Terra Brasilis e o XVII, a cartografia de João Teixeira Albernaz, o velho, e demais testemunhos. Conclui o estudo analisando um testemunho, de 12/05/1705, sobre sementes de pinhão (euforbiácea: *Jatropha curcas*) enviadas do Brasil para ser cultivadas na Metrópole. Confirma que o conceito transmutação embora tenha uma face no empirismo, na sua essência materializou o devenir dos saberes agrários brasileiros, resultante de revelações criadoras de valores no processo da formação social em tempo↔espaço conjunturais.

Abstract

The works Portuguese columnists from the centuries XIV to XVII, the cartographies and the other works of columnist and travelers about Brazil were analyzed under the point of view of Analysis of the Speech Theory, working documents from XVI century to the first decade of the XVIII century. It stood out the concept of transcendental past of the referred knowledge, centered in D. Manuel I: a synthesis of the reality that began with the ascension of the new mercantilist-warrior Portuguese to the power, to the shade of the Master of Avis. It investigates of the mercantile-agrarian Portuguese politics: from the experiences with sugar-cane in 1404, from Algarves to the one of the Madeira Island, from 1550 in before, on this passes to be dominant in Brazil. During that period, the crowns of Portuguese kings were made of gold, silver, slaves, trade and navigation, but not grain embryos. The European Cosmology scholastic-ptolomaico subordinates the others knowledge, the agrarian that are arrested to the position of the signs of months. The text (stud) analyzes the rupture associated to the glance to America (Brazil), Earthy Paradise, among the centuries XVI and XVIII. The century XVI was based on the Terra Brasilis map and the XVII, João Teixeira Albernaz, the old, cartography and other sources. The stud concludes with a testimony letter, from 12/05/1705, about “pinhão” (euforbiácea: *Jatropha curcas*) sent from Brazil to be cultivated in the Metropolis. The stud confirms the concept of transmutation although having interface with empiricism. In essence, it materialized the future of Brazilian agrarian knowledges, resulting from creative revelations of the values in social construction process.

Le résumé

Les travaux des chroniqueurs Portugais des XIV^{ème} à XVII^{ème} siècles, les cartographies et les autres travaux de chroniqueur et voyageurs au sujet de Brésil ont été analysés sous le point de vue de la Théorie d'Analyse de la Parole et les documents du XVI^{ème} à la première décennie du XVIII^{ème} siècle, ils sont ressorti du concept de passé transcendantal de la connaissance se reportée, a centré dans D. Manuel I: une synthèse de la réalité qui a commencé avec l'ascension de la nouvelle monarchia mercantiliste-guerrier Portugaise au pouvoir, à l'ombre du Maître d'Avis. Il enquête sur des politiques Portugaises mercantile-agraires: des expériences avec sucre-canne en 1404, d'Algarves à celui de l'Île de la «Madeira » et de 1550 dans avant, il passe à être dominant au Brésil. Pendant cette période, les couronnes de rois Portugais ont été faites d'or, argent, esclaves, commerce et navigation, excepté pas embryons du grain. La Cosmologie Européenne scolastique-ptolomaico subalternes les autres connaissances, l'agrarie qui sont arrêtés à la place des signes de mois. Le texte (étude) analyse la rupture associée au coup d'oeil à Amérique (Brésil), Paradis Terrestre, parmi les XVI^{ème} et XVIII^{ème} siècles. Le XVI^{ème} siècle qui a été basé sur la carte Terra Brasilis et le XVII^{ème} siècle, sur la cartographie de João Teixeira Albernaz, le vieux, et autres sources. L'étude conclut avec l'analyse d'un témoignage, de 12/05/1705, au sujet de " pingon " (euforbiacea: curcas Jatropa) a envoyé de Brésil pour être cultivé dans la Métropole. Cette étude confirme le concept de transmutation bien qu'il ait l'interface avec l'empirisme. Dans l'essence, il a matérialisé le futur des savoirs agraires Brésiliens résultant des révélations créatives des valeurs dans le processus de la construction sociale.

Biografia do autor

Por se tratar de um item optativo, quem interesse tiver em saber alguma coisa sobre a vida do autor é só ter paciência de ler o Anexo I: Memorial de Geraldo Moreira Prado por Alagoinhas.

Às memórias dos meus pais, do tio Quinha, da tia Quina, da tia Das Neves e do Professor Eurípedes Simões de Paula.

Em especial à memória do meu irmão José: amava a todos, amava o mundo, amava a vida, amava a mim. Eu continuo depois da tua morte, fazendo o mesmo que fiz durante a tua vida, te reverenciando.

Aos demais irmãos, sobrinhos e parentes, em especial à prima
Maria Prado.

Homenagens

À Rita Prado da Silva, irmã e madrinha que entre brigas e carinhos impregnou o labirinto da minha mente com as 26 letras da carta do ABC e a magia dos números das quatro operações fundamentais.

Às professoras (in memoriam) do meu curso primário na Escola Rural de São José do Paiaí que restam penas alguns dos seus alicerces: Maria Ivete Dias (hoje Sangalo), Maria José Costa, Suzana e Justina.

Aos professores dos cursos ginásial e colegial:

Joaquim Pestana (in memória), Y. Fujiana, Oswaldo de Souza e José Bantin Duarte. O primeiro pelas suas inesquecíveis aulas da matemática e partidas de Xadrez no Clube de Xadrez de São Paulo; o segundo, por ter me despertado para a riqueza de alguns romancistas e poetas das literaturas brasileira e portuguesa; o terceiro, por ser um verdadeiro ator, pois ao falar de um determinado período da história parecia encarnar os seus personagens e, o quarto, por ter me dado um zero em uma prova de filosofia sobre a física de Aristóteles. A partir daquele momento desisti de fazer qualquer tentativa para aprender a sua disciplina.

Ao memorável amigo Maurício Tractemberg (In memoriam). Amizade consolidada desde o início dos anos de 1960, quando aos domingos nos intervalos das leituras encontrávamos no pátio da Biblioteca Municipal Mário de Andrade, São Paulo, cujas conversas — que eram verdadeiras aulas de Ciência Política — e orientações de leituras tornaram-se fundamentais para abrir-me à consciência sobre o mundo do porvir.

Aos professores:

Antônio Cândido de Mello e Sousa, Fernando Antônio Novais, Maria Yedda Linhares, Aldo de Albuquerque Barreto e Heloisa Tardin Christovão que considero, em ordem de citação, os meus *verdadeiros tutores* nos conhecimentos de Sociologia da Literatura, História, História da Agricultura e Ciência da Informação.

Créditos

Desenho dos instrumentos agrários descritos pelo Padre João Daniel:

Ana Sofia Maris¹

Digitação de documentos manuscritos:

Fernando Henrique Moerbeck Lisboa, Giselle Guedes de Castro, Inoã Pierre Carvalho Urbinati, Juliana Bezerra de Menezes e Maria Elisa Brandão Frankel.

Fichamentos de livros:

Flávia Gomes Galvão de Queirós

Fotografias:

César Augusto Pinto Cruz e Luci Meri G. da Silva. Fotografia em máquina digital EPSON PC, 600 dpi.

Revisão:

Bruno Lima Oliveira e Júlio César França Pereira.

Scaneamento de textos e imagens e Assistência técnica computacional:

César Augusto Pinto Cruz, Fernando Henrique Moerbeck Lisboa, Giselle Guedes de Castro e Luci Meri G. da Silva, Fabiana de Melo Amaral (Estagiária do Laboratório de Tecnologia da Informação – DEP/IBICT), Fernando Nonato Rodrigues (autônomo), Júlio Xerfan e Quirlaney Santana (Estagiários do Laboratório de Comunicação da UNESA-RJ).

Transcrição de documentos manuscritos

(ACRJ, ANRJ, BIBLIEXRJ, BNRJ, IEB/USP, IHGBRJ e ITAMARATI-RJ):

¹ Foram reproduzidos oito desenhos a partir da descrição da obra do Padre João Daniel: *Tesouro Descoberto na Amazônia, cuja intenção era de usá-los* nesta tese, mas por motivo da redefinição do período terminaram ficando de fora.

Bianca dos Santos Maceno, Elza Vaz da Graça Leite, Inoã Pierre Carvalho Urbinati,
Juliana Bezerra de Menezes, Qércia Júnia e Valéria Cristina Aranha.

Agradecimentos

O que representa agradecer pessoas ao se escrever uma tese? Nada? Muito? Tudo!!! Agradecimento pode ser um libelo em uma tese, tudo tese, tudo escreve, tudo se escreve e tudo a gente vê na escrita da tese. Diz a lenda que os elefantes falam e escrevem. E isto não é lorota! É narração feita por um erudito cronista português (Damião de Góis, Apud Tarracha Ferreira [1993], pp. 231-235) sobre o que lhe foi dito por Diogo Pereira, homem nobre e digno de fé, que o rei de Bisnagá (reino da Índia que era dominado por Portugal) apresentara no terreiro do seu palácio um elefante que diante do dito rei escrevera no chão com a sua tromba letras que podiam ler, e completando a sua tarefa respondeu em voz clara à pergunta que lhe fora feita, que havia comido arroz com bétele.²

Dizia ainda Damião, que os antigos escritores romanos, inclusive Plínio, certamente o velho, asseguravam que na Lua nova os elefantes iam para as montanhas em tropas, e lá, depois do banho nas ribeiras praticavam os seus rituais, ajoelhando-se sobre o chão para adorarem o Sol e a Lua. E essa história foi contada para o rei D. Manuel I de Portugal, e este ficou curioso, animado, mas só acreditaria se o visse de perto e pudesse exibi-lo para o seu povo. Encantado com a história, ordenou o rei que lhe fosse trazido da Índia em navios para Lisboa, um desses elefantes *mágicos*. Quando um desses chegou em Lisboa, decepcionou ao rei na hora da exibição, sem nada dizer nem escrever. E por isso, D. Manuel enviou-o como brinde ao Papa Leão X, embarcando-o em navio no Cais da Pedra, em Lisboa, episódio esse presenciado e narrado pelo próprio Góis.

Mas o que tem a ver a citação de uma lenda num item sobre agradecimentos? É que agradecimento não deixa de ser também uma lenda, uma tradição escrita ou oral. E a lenda do elefante se fosse narrada por um

² Cf.: HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Verbetes bétele. Planta sarmentosa [originária da videira] e aromática, da família das piperáceas (Piper chavica betel), originária da Índia, cujas folhas são utilizadas para mascar, e cuja noz, por produzir cor vermelha, é empregada em tinturaria. Mistura em que entram as folhas dessa planta, tabaco e o fruto de areca, e que é usada para mastigar em algumas regiões tropicais.

cronista de outra nacionalidade qualquer, estaria mais para uma piada, o que não é a mesma coisa que a lenda. A lenda pode se transformar numa tese. A piada, não! Mas ambas sempre têm motivos para comentários maliciosos no bar, na rua, na escola, na biblioteca, no metrô ou em quase todos os lugares, às vezes até na igreja. Não na hora da missa!

Mas a missa não pode ser uma tese? Pode. Mas não na hora da sua celebração. Naquele momento o sacerdote está agradecendo a todos por ficarem ali ajoelhados com as mãos postas, e em silêncio comunicam-se virtualmente com Deus, pelo o que Ele tem feito para os pobres de todo o mundo. Inclusive os brasileiros. Entre esses, têm-se os da seca do sertão e/ou retirantes nordestinos, os antigos bóia-frias, ou os atuais sem terra, teto, dinheiro, famílias... que vivem debaixo dos viadutos dos grandes centros urbanos. Espiem só que tudo isso é motivo de tese, e muitos deles nela já se transformaram, embora o mundo continue se globalizando, o que também já produziram algumas outras centenas de teses. E por isso, o ato da tese é um pequeno culto para encerrar o período de *penitência* que dura no mínimo dois, e no máximo seis anos. E um culto, no caso brasileiro, de cunho católico, pois este tem sempre um rosário para ser orado. E o rosário da tese está nesta sua parte dos agradecimentos, que pode não ser a sua essência, no sentido de comprovar ou negar as hipóteses nela apresentadas, mas sem dúvida é uma das partes mais significativa. Embora em algum momento da penitência (o da redação da tese) seja extremamente solitário, os outros são por demais coletivos e é por esse motivo que vem a seguir o *rosário* de agradecimentos.

Trabalhou-se coletivamente nesta tese contando sempre, mesmo que seja à distância, com a presença na memória de pais, irmãos, parentes, paixões e pessoas das mais diferentes circunstâncias possíveis e imaginadas. E por isso, para uma vasta gama daquelas pessoas envolvidas direta ou indiretamente, difícil fica agradecer citando o nome de todas elas. Assim, o meu agradecimento pelas suas colaborações vão ser coletivos, o que não significa que sejam anônimas. Existem outras, tanto no ambiente de trabalho quanto fora dele, que não merecem ser agraciados porque seria uma contradição da minha parte, uma vez que, como

diz Tim Maia, *não se elogia o diabo deixando de fora o rabo, porque está todo mundo vendo*. Outras, ou seja, aquelas que colaboraram mais de perto, terão os seus nomes aqui registrados, a começar pela amiga Margareth Martins. Sem exagero, uma página seria pouco para agradecer as mercês que lhe devo.

À equipe administrativa do DEP/IBICT: Lena Vania Ribeiro Pinheiro, Sebastião N, da Silva, o Tião, Abneser da S. Cunha, Antônio de Pádua Rezende Bayma, Eloisa da Conceição Príncipe de Oliveira, Fernando Antônio da Costa, Adriano Luiz da Cunha, Marli dos S. Soares e Maria Lúcia de Oliveira. Destacam-se aqui dois agradecimentos especiais a Aldo de Albuquerque Barreto e Selma de Fátima Santiago, não apenas pelas suas competências administrativas e comportamentos éticos de funcionários públicos exemplares, que é do conhecimento de todos que trabalharam ou ainda trabalham com eles, mas especialmente pelas nossas duradouras e sólidas amizades, cuja comprovação é o estímulo que sempre me deram para concluir este doutorado.

À equipe da Biblioteca da ECO/IBICT: Ilce Cavalcante, Vera Lúcia Cruz, Maly M. Góes, Fernando P. Santos, Lys M. da S. Cristancho, Regina Bittencourt e Rogério de L. Vianna, sempre solícitos, nas incansáveis buscas bibliográficas. Aos colegas professores, funcionários e alunos do DEP/IBICT que sempre proporcionam um saudável ambiente de trabalho. Entre outros, cabe destacar os nomes da professora Heloisa Tardin Christovão, por sua orientação competente (lê, comenta, critica, corta, emenda...), e o da amiga Maria de Nazaré Freitas (Nazinha), por tirar o seu tempo de lazer para ler e comentar com muita acuidade, não apenas esta última versão da tese, mas vários outros textos ainda preliminares. Aos colegas professores, funcionários e alunos da UNESARJ (Cursos de Relações Internacionais e Administração, período noturno).

Aos funcionários do CPDA/UFRRJ: Jeorgina Nunes da Cruz, José Carlos Gachet Jr, Maria Celeste de Jesus, Vera Lúcia de Oliveira Martins e ao velho amigo Júlio Marinho, Secretário deste Curso desde os tempos em que funcionava no Horto Florestal do Rio de Janeiro; Hector Alimonda pela ótima amizade, troca de livros e de idéias e a Ana Célia Castro. Esta, embora tenha ficado distante desta

tese, muito do que aqui foi escrito na realidade tem a ver com as idéias que trocamos sobre a necessidade de se fazer algo sobre a História das Técnicas Agrícolas no Brasil. Idéias essas que vêm lá dos idos de 1980, época do meu projeto de mestrado ainda no Horto Florestal. Ao Roberto José Moreira, mais uma daquelas pessoas que com muita atenção me esclareceu dúvidas sobre várias questões relacionadas ao tema da tese.

Aos Srs. Antônio de Jesus Fernandes, Evaristo d'Almeida Cardoso (proprietários do Restaurante Vila Rica) e a sua equipe de funcionários: Agnaldo Medeiros Ferreira, Almir de Paiva Souza, Antônio Welington Ribeiro (o Tonico), Cícero Luna, José Alves de Souza, José Hortêncio Farias, Severino de Melo Barbosa (o Estevão) e Raimundo Ribeiro Rodrigues. Para esses faço um agradecimento mais do que especial, pois é aí onde há quase quinze anos diariamente faço as minhas refeições sempre complementadas com uma taça de vinho — dependendo da grana pode ser Meia Encosta, Santa Helena ou Forrestier —, troco cheques e requesto a minha sofreguidão nos transformou em espécie de cúmplices de uma mesma confraria.

À Eny Samos Rodrigues, pela paciência de semanalmente tentar arrumar os livros e discos e juntar os papéis rasgados e atirados ao chão.

À Ana Sofia Maris, Bianca dos Santos Masceno, Camila Rangel, Elza Vaz da Graça Leite, Fabiana de Melo Amaral, Flávia Gomes Galvão de Queirós, Fernando Nonato Rodrigues, Inoã Pierre Carvalho Urbinati, Juliana Bezerra de Menezes, Júlio Xerfan, Luci Meri G. da Silva, Maria Elisa Brandão Frankel, Quésia Júnia, Quirlaney Santana, Rosilene Lino Mendonça e Valéria Cristina Aranha. Equipe jovem e dinâmica que se empenhou com seriedade nos trabalhos de fotografia, transcrição, digitação, reprodução e scaneamento da documentação aqui utilizada. Aos amigos Carlos Fernando Galvão, geógrafo e mestre em Ciência da Informação; César Augusto Pinto Cruz, Capitão-de-fragata da Marinha brasileira e Renato Brandão, professor da Universidade Estácio de Sá/RJ, pelos esclarecimentos às dúvidas sobre alguns assuntos específicos respectivamente da ciência geográfica, da técnica e tecnologia de navegação e das técnicas e

concepções cartográficas.

Ao Bruno Lima Oliveira, jovem amigo e competente revisor da Língua Portuguesa. Esse foi um dos bons interlocutores não apenas nas correções gramaticais, como nas correções feitas nos aspectos referentes à utilização da linguagem, quando da construção bem ordenada entre as partes e o todo do discurso desta tese. Estende-se também ao Júlio César França Pereira pela competente revisão da segunda parte da tese.

Ao Conselheiro Milton Torres, do Consulado Geral do Brasil em Lisboa, que, entusiasmado com o tema que lhe apresentei, me deu o roteiro perfeito de onde ir e a quem procurar nas diferentes bibliotecas e arquivos dessa cidade.

Ao Mário Galvão de Queirós Filho, historiador por formação mas filólogo por *devoção*, amizade rara nestes tempos de *globalização*, jamais se aborreceu em esclarecer as muitas dúvidas sobre o uso, conceitos e significados de algumas palavras e/ou frases usadas nesta tese.

A dom Mateus Rocha O. S. B., pesquisador e arquivista do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro e da Congregação Beneditina do Brasil, pela explicação histórica sobre algumas técnicas agrárias usadas pelos escravos da Ordem beneditina no período colonial, e pela disposição de livros e documentos do rico acervo deste Mosteiro.

Aos funcionários da Biblioteca Popular Pedro Nava, da Glória: Solange Scrivano Nascimento e Glória Rodrigues de Oliveira, que além das colaborações nos trabalhos quando participamos da gestão paritária da Associação de Amigos desta Biblioteca, colocaram-me à disposição muitos livros importantes da seção de Obras Raras da mesma.

Aos funcionários das seções de Documentação, Pesquisa e Microfilmagem do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro e do Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro, em especial Júnia Guimarães e Silva. Todos eles veementemente me atenderam durante um ano de convivência, nesse período de dificuldades impostas a todos nós brasileiros e em particular aos servidores públicos federais. Pelas mesmas razões desdubro estes agradecimentos aos funcionários das demais

instituições públicas federal, estadual e municipal situadas no Rio de Janeiro: Biblioteca do CPDA/UFRRJ; Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (Carmen, Ana Lúcia Merege e Ana Virgínia Pinheiro (Setor de Manuscritos); Maria Dulce de Farias, Marta Maria Duboc de Araújo e Praxides Silva das Dores (setor da Mapoteca); Rejane (setor de Obras Raras).

Aos funcionários da Biblioteca, Arquivo Histórico e Mapoteca do Itamarati; Arquivo Histórico do Exército; Biblioteca Central da Fundação Oswaldo Cruz (setor de Obras Raras); Arquivo do Centro Cultura da Marinha; Biblioteca da Delegacia do Ministério da Fazenda; Biblioteca da EMBRAPA (Centro de Pesquisa do Jardim Botânico/RJ). A José Tavares e demais funcionários da Biblioteca Central (Obras Raras) do SIBI/UFRRJ e também aos funcionários da Bibliotecas dos Departamentos de Física, de Economia e do CFCH dessa mesma universidade.

Aos respectivos funcionários do Arquivo Nacional da Torre do Tombo e do Arquivo Histórico Ultramarino (Lisboa) que gentilmente me atenderam: Leonor Lopes, Pedro Penteado e Dra. Lourdes Henrique; Sr. João Carmo Leão, Sr. Fernandes e Sra. Teresa Fernandes. Estendo ainda esses agradecimentos aos funcionários da Biblioteca Nacional de Lisboa, Biblioteca da Ajuda, Academia de Ciência de Lisboa, Biblioteca da Universidade Técnica de Lisboa, Biblioteca Nacional de Paris (seções de Documentos cartográficos e de Manuscritos), — Kongeligt Bibliotek, Copenhague, Dinamarca, cujos nomes não estão citados aqui porque lamentavelmente o caderno no qual estavam anotados extraviou-se.

Aos funcionários dos Arquivos Públicos Estaduais visitados nos seguintes estados: Bahia, Maranhão, Rio de Janeiro, Pernambuco, Pará e São Paulo e aos da Biblioteca Mário de Andrade (seções de Mapoteca e Obras Raras), Instituto de Estudos Brasileiros/USP, Biblioteca da Faculdade de direito/USP, Arquivo da Cidade de São Paulo, Biblioteca do Depto. de História/USP; Biblioteca da Escola de Agronomia Luís de Queirós/USP; Arquivo e Biblioteca do Instituto Agrônomo de Campinas/SP.

Aos colegas do mestrado e do doutorado do CPDA/UFRRJ, André Turíbio, Célia Regina da Silva Dias, Lia Maria Teixeira, Luís Felipe, Maria

Campos e Severino José de Lima, pelos intenso debates sobre o tema de cada um de nós durante as aulas, seminários e no exame de qualificação.

Ao amigo Paquito, freqüentador assíduo do Porto da Barra, Salvador, Bahia, pela bela lembrança de me presentear com a sua última produção musical: o disco de Batatinha. Durante o tempo solitário de redação da tese as letras, melodias e vozes do Batatinha e seus parceiros aumentavam ainda mais a minha saudade da Bahia de onde “(...) *parti de minha rua/ num vôo até a lua/ no meu foguete particular/ agora sou patente/ de um mundo diferente/ e tenho coisas para contar*”.// *Neste trajeto de aventura/ em desafio à emoção// eu vi o medo, vi a cor do fio/ e a beleza da escuridão/ e quando à terra eu voltar/ sei que estão me esperando/ numa prova de alegria/ eu vou chegar sambando*”. (Batatinha, Foguete particular)

Aos amigos Gymme e Tânia Couquete, Bernardo e também Louise que já anunciava a sua chegada, pelas diversas hospedagens calorosas brindadas com vinhos franceses, gargalhadas, saudades dos tempos e dos encontros em Ipanema (Posto Nove) e passeios pelo Sena, na majestosa e histórica Paris.

À Tecla Lykke, Tine Lykke Prado, Chico Wong, ao “tio chinês e a tia Ula”, à Ana Melhin, Thomas, Jonas e Enrico Mhelin With pelas hospedagem, boas festas com petiscos e vinhos saborosos, magníficos passeios e visitas aos lugares históricos (tudo lá é histórico) da deleitável Copenhague.

À Janice Teodoro, amiga e colega (saudosismo dos tempos da graduação), que depois de muitos anos retomamos o contato via telefone, o que para mim foi muito importante por ela ter esclarecido uma porção de dúvidas que ainda trazia comigo, especialmente, sobre o conceito de história que tentei esboçar nesta tese.

À Ana Maria Galeno (IFCS/UFRJ), pelo estímulo à pesquisa iconográfica e ao Pedro Tórtima do IHGB, pela indicação de vários documentos utilizados nesta tese.

A Francisco Carlos Teixeira da Silva e Isidoro Maria Alves, membros da banca de qualificação. Ambos, por serem *meus velhos amigos*, fizeram ricas argüições, apresentando valiosas sugestões durante o exame de qualificação. A

partir daí me levou a refletir criteriosamente os seus fortes, porém valiosos *bombardamentos*, sobre a maneira pela qual estava tratando teoricamente o meu objeto de estudo.

Aos cidadãos portugueses — das cidades de Lisboa, Cascais, Coimbra, Soure e Cintra, Portugal; em Dieuleffit, na França e no Rio de Janeiro e São Paulo — com quem conversei informalmente sobre a origem da história de Portugal. Alguns disseram seus nomes que serão registrados aqui, outros alegavam que não havia necessidade pois, pois a gente nunca mais iria se encontrar. As pessoas de mais idade, unanimemente ressaltaram as qualidades e os feitos e efeitos de Inês de Castro; de D. Pedro I (que eles fizeram questão de enfatizar que era o primeiro de Portugal com este nome); de D. Diniz (pela sua vocação trovadoresca e por ter sido o rei que criou a Universidade de Coimbra, orgulho da gente portuguesa); D. Manuel I (por ter sido o venturoso descobridor do Brasil); de Camões (que os consideram o maior poeta de todos os tempos e de todas as línguas, embora alguns deles justificavam que faziam tal afirmação porque escutavam isso das bocas de outras pessoas, pois os mesmo nunca haviam lido porque eram analfabetos); D. Sebastião (que alguns deles, em particular os do interior, que acreditam que ele ainda vai voltar ao lado de Jesus Cristo para ser rei de Portugal e do mundo). Ninguém se referiu a Cabral e um ou outro fez breves comentários sobre Fernando Pessoa. Em torno desses mitos, o mais destacado foi D. João I, o Mestre de Avis e o seu condestável Nunálves Pereira, heróis máximos da gente de gente lusitana. automaticamente para.

Ao casal, Sr. Antônio e D. Maria da cidade do Soure, Portugal. Ele, com seus quase setenta anos de idade — e fanático pelo Brasil que conhece pela televisão mas nunca veio aqui — foi o único que autorizou anotar a sua conversa. À D. Maria, sua esposa, pela receptividade que fez para um desconhecido. Enquanto eu fazia as anotações das conversas com o Sr. Antônio — acompanhada com vinho da sua Quinta feito ainda no processo manual —, gritava ela da cozinha enquanto preparava uma bacalhoda à

brasileira que só fazia esse almoço porque parecia que eu era um brasileiro que respeitava os portugueses.

À Alessandra Amoroso, Etnóloga do Instituto Nacional de Investigação Científica/Centro de Estudos de Etnologia de Lisboa, Portugal. Moçambicana — mistura de raça mistura de cor que a história já demonstrou que o resultado é sempre um bom produto exótico —, além de trocar várias idéias sobre a História da Colonização Portuguesa na África e no Brasil, abrir a biblioteca do Instituto cuja bibliotecária estava em férias, me presentear com dois CDs de músicas africanas, um de Moçambique e outro do Cabo Verde, e um de música folclórica portuguesa dos séculos XV ao XVII, me conduziu a um restaurante africano dançante onde comemos, dançamos, bebemos, trocamos idéias e... continuamos nos correspondendo.

Ao Sr. Herculano e D. Maria, que residem há mais de quarenta anos na cidade de Dieuleffit, sul da França. Ambos alfabetizados em francês, mas têm dificuldades de escrever em português. Dizem que guardam na memória toda a história do seu país, como de fato relataram algumas passagens da história da construção do Mosteiro de Batalha em Aljubarrota. Pelo jantar à portuguesa com vinho francês e passeios da serra de l'Ardeche à região de la Drôme francesa: vinhos, queijos de cabra, pernil de carneiro e paisagem de lavanda, gira-sol, videiras e boas histórias contadas sobre os reis trovadores portugueses e ódio de Salazar.

Ao Joaquim, garçon do Restaurante o Pescador, em Cascais e Letícia, balconista numa bombonière em Alfama, Lisboa, Portugal, ambos na faixa dos 25 anos de idade, pela atenção que me deram e desculpas que pediram em não conhecer nada do passado, O Joaquim disse que as únicas lembranças que tinha de revolução em Portugal, ainda era muito criança quando uma multidão saiu cantando pelas ruas de Lisboa com um cravo na mão, mas também não sabia explicar o porquê dessa manifestação. A Letícia disse que a sua família era salazarista e quando veio essa "(...) *Revolução dos cravos* o seu pai tirou da escola, por isso não sabe nada do passado, a não ser

os elogios que o seu pai fazia a Salazar e das críticas a este Presidente Mário Soares. Pensou até em ir embora para o Brasil que naquela época dizia o seu pai que aquele era o *País do futuro*, mas desistiu por falta de dinheiro”.

Ao Sr. Cardoso, ex-padre e residente no Brasil há quase cinqüenta anos, pelas longas conversas que mantemos quase que diariamente sobre filosofia escolástica e o passado remoto de Portugal..

Ao Sr. Joaquim Estrela, da Livraria Camões, Rio de Janeiro, pelo poema dedicado ao povo português, citado nesta tese.

A D. Maria de Jesus Calado, do Jornal *A Voz de Portugal*, pelas fotos do Mosteiro da Batalha e alguns documentos mais sobre a história do mesmo.

Restam ainda muitos agradecimentos, mas vou me restringir aqui a alguns especiais dirigidos aos professores Luiz Flávio de Carvalho Costa e Heloisa Tardin Christovão, orientadores competentes, compreensíveis e acima de tudo tolerantes e pacientes, estes vêm por último, mas na realidade deveriam ser, e são, parafraseando a parábola bíblica, os primeiros. Por antecipação, inclui-se também aqui os agradecimentos àqueles que irão participar da banca da tese. Tanto estes, como os professores orientadores têm as mesmas similitudes de sacerdotes ou juizes, normalmente, compreensíveis e jamais algozes que vão aconselhar, julgar, “condenar” ou declarar o que passaremos a ser depois do ritual da apresentação da tese. Sem eles não teria se realizado o ritual da qualificação e da mesma forma não haverá a cerimônia final do estudo em apreciação.

Menção especial à FAPERJ, pela bolsa de estudo concedida no período de agosto de 1995 a junho de 1998. Bolsa essa que me foi muito útil para fazer o trabalho de transcrição e digitação dos mais de 1000 (mil) documentos manuscritos selecionados. Uma outra menção é para o Dr. Bruno Silveira, presidente da Fundação Odebrecht, pela doação de duas obras que foram essenciais para esta tese: “MAPA: Imagens da Formação Territorial Brasileira” e “O Brasil dos Viajantes”. Neste item, não posso deixar de fora o velho e caro amigo Ronaldo Conde Aguiar, pela atitude digna que teve comigo na hora de uma

grande crise financeira, me levando para trabalhar com ele como consultor no CNPq, fui contratado há vinte anos atrás e felizmente continuo trabalhando até hoje. Aí mudou minha vida, constituir família e novos bons amigos, concluir o meu mestrado e estou concluindo este doutorado — a quinta parte do meu tempo de esperar que está no final do memorial em anexo à bibliografia —, ambos por esta Universidade.

Por fim, não é demais ocupar mais alguns parágrafos, não mais para se fazer agradecimentos por dever, mas sim, para recambiar lembranças aprazíveis de tempos, locais e amigos de diurnas brincadeiras, militâncias e *vigílias* boêmias. A começar pelos meus irmãos e demais parentes que são muitos, as famílias de Agenor Sereno, de Caboclo Praiano, de Chico Bunda, de seu Luís da Lagoa, de Maninho de Déde, à falecida Ingraça (maiores peitos do mundo), e demais amigos, amigas e “paixonetas” adolescentes dos tempos idos e vividos no Paiaíá, Bahia. Avançando mais um pouco por outros locais do interior da Bahia às famílias de Benigno Fonseca, de Edézio Dantas Bastos, de Ioiô Fonseca, de Mariete Ferreira, a Odelita Prado e aos amigos José Eremilson e João Guilherme da Silva da outrora aldeia da Natuba, hoje cidade de Nova Soure.

Outras velhas e novas amizades de tantos outros lugares incluem-se, a começar por “São Salvador, Bahia; Bahia de São Salvador, a terra de branco mulato, a terra de preto doutor” (Dorival Caymmi): Antônio Guerreiro, Mirian, Tércio e Tiago de Freitas, Ubiratan (o Bira Gordo), Cecinha e Demian Moreira Reis, Dermeval, Elisa, Pablo e Claudinha Passos da Hora e João José Reis.

Em Sampa, nas diversas esquinas, ruas, festas, lares e bares boas recordações me vêm das amizades de Antônio (Nino) Gallo, Ari Silva Júnior, Aurélio Delgado e Lina Gorenstein Ferreira, Beth Rabete, Cláudio Blanco, à família Ferreira Filho (Gerson, Maria Luísa, Mariana, Rita, Pedro Ivo e Carolina); Francisco Foot Hardman, Gilmar Guedes Candeia, Jailton Prado, João japonês (outrora poeta e revolucionário, hoje alcoólatra e mendigo nas ruas de São Paulo), Luís Fernando Zanin Oricchio (o Físico), Magno de Carvalho, Manuel Baltazar, Marly Rodrigues,

Marise Vilela, Nadine Habert, Paula Janovitch, Paulo Peixe, Roberto Correia (o Bilu), Silvestre, Vera, Téo e Clarice Mattar Prado de Oliveira; Wojciech A. Kulesza (o Tek) e antigos colegas e demais “paixonetas” dos tempos de estudante e de operário na Braseixos Rockwell.

Viajando pelo interior do Estado de São Paulo no ritmo da música de Caetano Veloso, recordo-me ainda das boas amizades a começar pela Irmã Antônia, coordenadora do curso de História da Faculdade “Auxílio” de Lins; a prima Jailda Prado de Oliveira, em São Sebastião; José Bonifácio S. do Amaral Sobrinho (o Boni da UNICAMP), Kátia e Luís Brunete, em Campinas; o agrônomo José Simplício da Casa de Agricultura de Registro; a Lídia Maretti, do Departamento de Letras da Unesp de Assis; a Rita Anoroso, proprietária do Alambique “Palitó Vremeio” de Pariquera-Açú; e ao Zé Américo e Rose, professores do Colégio Estadual de São Luís de Paraitinga.

No Rio de Janeiro, a Almir Pita Filho, Carlos Eugênio Líbano Soares, Celso Leitão, Christian Dutilleux, Fernando, Bruno, Edyr, Pedrinho e Tiago Peregrino; Flávio dos Santos Gomes, Gisele Costa Souza, Ivete Ribeiro, Joel Dias Barcellos, Kátia Moreti, Karl Erik Schullhammer, Lídia Freitas, Marcos Zarahi, Marta Moreno, Remo Frazão e demais confrades das noites de verão.

Em Recife, Pernambuco, a Abrahán Benzaquém Sicsú, Lucinha e Júlia; a Denis Antônio Bernardes e Rita. E como a parábola bíblica diz que os últimos serão os primeiros, aqui estão eles: Elmodad, Breno e Inhá Azevedo, Lígia Verdi, Malu Verdi; Nena, Juliana, Thiago e Victor Leonardo Paes de Barros, Ronan Pereira, (Brasília); a Sandra e Júlio, Ilana (esta a mais linda afillhada por afinidade) e Tiago Branco (em Recife), e, em especial, a Silvana e Paulo Décio de Arruda Mello, Maceió, Alagoas.

Siglas, nomes e locais dos Arquivos, Bibliotecas e Museus pesquisados

Este pesquisa teve início antes mesmo da minha entrada neste doutorado, ou seja, desde 1983, quando defendi a dissertação de mestrado em Desenvolvimento Agrícola nesta Universidade. A partir daquela época, retomei as leituras dos livros *História da Agricultura Brasileira: combates e controvérsias*, de Maria Yedda Linhares e Francisco Carlos Teixeira e *Agricultura, escravidão e capitalismo*, de Ciro Flamarion Cardoso, que me despertaram o interesse de um dia fazer um estudo sobre a História das Técnicas Agrárias no Brasil. A pretensão inicial era fazer um projeto tipo *História Geral da Civilização Brasileira*, coordenada pelo professor Sérgio Buarque de Holanda, onde pudesse reunir textos de vários especialistas. A partir daí comecei a fazer leituras e juntar documentação sobre o tema e, aproveitando os momentos de viagens de trabalho e férias por vários pontos do Brasil e do Exterior, sempre dedicava uma parte do tempo para fazer pesquisas e recolher documentos em arquivos, bibliotecas, museus, etc. Mas como a idéia inicial foi apenas um sonho e nada mais, parte dela veio se concretizar nesta tese. Por isso, as visitas às entidades que vêm a seguir não se limitam apenas ao período do doutorado.

ACSP — Arquivo da Cidade de São Paulo, SP.

ACRJ — Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro, RJ.

ACMMG — Arquivo da Cúria Metropolitana de Mariana, Minas Gerais

ACMS — Arquivo da Cúria Metropolitana de Salvador, Bahia.

ACMRJ — Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro, RJ.

AIIONSRJ — Arquivo da Imperial Irmandade do Outeiro de Nossa Senhora da Gloria. Rio de Janeiro, RJ.

AEBA — Arquivo do Estado da Bahia. Salvador, Bahia.

AEPE — Arquivo do Estado de Pernambuco. Recife, Pernambuco.

AESP — Arquivo do Estado de São Paulo, SP.

AERJ — Arquivo do Estado do Rio de Janeiro, RJ.

AJBRJ — Arquivo do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, RJ.

ARJBD — Arquivo do Real Jardim Botânico de Copenhague, Dinamarca.

AEXBRJ — Arquivo Histórico do Exército Brasileiro. Rio de Janeiro, RJ.

AHIRJ — Arquivo Histórico do Itamarati no Rio de Janeiro,, RJ.

AHUP — Arquivo Histórico Ultramarino em Lisboa, Portugal.

ANTTP — Arquivo Nacional da Torre do Tombo em Lisboa, Portugal.

ANP — Arquivo Nacional de Paris, França.

ANRJ — Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, RJ.

BA — Biblioteca da Ajuda de Lisboa, Portugal.

BCBA — Biblioteca Central da Bahia. Salvador, Bahia.

BCCBBRJ — Biblioteca do Centro Cultural do Banco do Brasil. Rio de Janeiro, RJ.

BCCBBRJ — Centro Cultural da Marinha. Rio de Janeiro, RJ.

BFCCUFRRJ — Biblioteca do Fórum de Ciência e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ.

BCUFF — Biblioteca Central da Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ.

BCUFRJ — Biblioteca Central da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Campus da Praia Vermelha), RJ.

BCUFRRL — Biblioteca Central da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica, RJ.

BCUFRPE — Biblioteca Central da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife, Pernambuco.

BDAUFRRJ — Biblioteca do Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Agrícola da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, RJ.

BEAUFBA — Biblioteca da Escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia. Cruz das Almas, Bahia.

BEAUSP — Biblioteca da Escola de Agronomia Luís de Queiroz, da USP. Piracicaba, São Paulo.

BEAM — Biblioteca da Escola de Agronomia de Mossoró, Rio Grande do Norte.

BECUFRJ — Biblioteca da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ.

BFCRE — Biblioteca da Fundação Cidade do Recife (Departamento de Cartografia).

Recife, Pernambuco.

BFEUFRJ — Biblioteca da Faculdade de Economia e Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ.

BHIRJ — Biblioteca Histórica do Itamarati, Rio de Janeiro, RJ.

BIBLIEX — Biblioteca do Exército. Rio de Janeiro, RJ.

BMFRJ — Biblioteca do Ministério da Fazenda. Rio de Janeiro, RJ.

BMMASP — Biblioteca Municipal Mário de Andrade. São Paulo, SP.

BNL — Biblioteca Nacional de Lisboa, Portugal.

BNP — Biblioteca Nacional de Paris, França. (Seção de Obras Raras e Departement des Cartes et Plans).

BNRJ — Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro RJ.

BOL — Biblioteca Oliveira Lima da Organização dos Estados Americanos (OEA)/Pontifícia Universidade Católica de Washington, EUA.

BPPNRJ — Biblioteca Popular Pedro Nava (Glória), Rio de Janeiro.

BFDUSP — Biblioteca da Faculdade de Direito da USP. São Paulo, SP.

BLAOSP — Biblioteca do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, SP.

BORFOC — Biblioteca de Obras Raras da Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, RJ.

BPPE — Biblioteca Pública de Pernambuco (Departamento de Cartografia e Obras Raras). Recife, Pernambuco.

BSAM — Bayerische Staatsgemäldesammlungen, Munique, Alemanha.

GPLRJ — Gabinete Português de Leitura. Rio de Janeiro, RJ.

IACSP — Instituto Agrônômico de Campinas. Campinas, SP.

IAHPPE — Instituto Arqueológico e Histórico de Pernambuco. Recife, Pernambuco.

IFUFRJ — Instituto de Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ.

IHGB — Instituto histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, RJ.

IHGBBA — Instituto Histórico e Geográfico da Bahia. Salvador, Bahia.

IHGMMG — Instituto Histórico e Geográfico de Mariana, Minas Gerais.

IHGSP — Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. São Paulo, SP.

KBD — Kongeligt Bibliotek. Copenhagen – Dinamarca

LCEUA — Library of Congress. Washington, EUA.

MÍDIA — Rede Internet.

MMNY — Metropolitan Museum of Art. New York, EUA.

MSBRJ — Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro.

MMP — Museu da Marinha Portuguesa. Lisboa, Portugal.

MASP — Museu de Arte de São Paulo, SP.

MLP — Museu de Louvre. Paris, França.

MHNRJ — Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro, RJ.

MND — Museu Nacional da Dinamarca. Copenhague, Dinamarca.

MNAP — Museu Nacional de Arte Antiga. Lisboa, Portugal.

MNBARJ — Museu Nacional de Belas Artes. Rio de Janeiro, RJ.

MNRJ — Museu Nacional do Rio de Janeiro, RJ.

MPSP — Museu Paulista. São Paulo, SP.

NYS — New York Historical Society. New York, EUA.

RRA — Rijksprentenkabiné, Rijksmuseum de Amsterdam. Amsterdan, Holanda.

SNARJ — Sociedade Nacional de Agricultura. Rio de Janeiro, RJ.

Introdução à feição de uma pré-liminar da tese

1) O início

(...) Ocorre que se aproxima o 22 de abril de 1500. Ah, como esse governo branco, eurocentrado, efeemizado (não confundir com efeminado), sonha com o dia seguinte! As comemorações foram entregues, primeiro, o Ministro do Exterior. (...) E caminharam erguendo faixas, até o local de Porto Seguro em que se davam as solenidades oficiais (com presença de autoridades de Brasília) que naquele momento assistiam à celebração da missa. Com certeza com a mesma compunção com que os portugueses rezaram na primeira missa aqui celebrada por frei Henrique de Coimbra. (Cf. frei Betto, 1999, p. 38)



Introdução representa, em síntese, uma advertência, uma *pré-liminar* do que foi escrito em um texto qualquer, até mesmo obras de ficção normalmente

Figura 1. Sem título³

vem precedida de uma advertência. Por isso, raramente se começa uma introdução com notas de rodapé, citações, ilustrações, epígrafes, etc. O primeiro e o segundo casos são mais comuns e usei aqui com o mesmo sentido que está nos demais capítulos da tese. Isto é, por um lado, como reforço e/ou ilustração ao assunto que estava me referindo, e, por outro, especialmente as notas de rodapé, algumas também como reforço mas a maioria como esclarecimento, mesmo que seja de uma palavra conhecida porém de pouco uso no cotidiano. Nos livros antigos, ou seja os incunábulo e alfarrábios portugueses (livros impressos nos primeiros anos da arte de imprimir, até 1500), alguns deles usados nesta tese, como o *Livro da Hora*, de D. Manuel I, de Portugal, e também nos livros sagrados era comum começar as introduções com uma ilustração e um epígrafe.

Assim, começo a presente introdução fazendo uma *pré-liminar* da tese

³ Figura 1. Ilustração sem título, do artigo do frei Betto, desenho de Cavalcanti. *Programa de Índio: Impedir o Governo de fazer caras velhas nos 500 anos de invasão portuguesa no Brasil*. In: Revista

com a citação acima, uma vez que é da minha inclinação sempre ao escrever um texto precedê-lo com um epígrafe. E, quanto ao uso de epígrafes e citações em introduções de trabalhos, não existe nenhum impedimento legal, segundo confirmação da consulta feita à Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) sobre redação de tese e trabalhos científicos. Destarte, o sentido do discurso produzido no presente estudo revela-se no seu próprio silêncio,⁴ o que não significa ausência de sons ou de palavras, de ficar calado como normalmente o é entendido tanto no senso comum quanto nas definições léxicas, ou ainda por que em todo e qualquer texto grafado.

Orlandi, comentando o ponto de visto de Vignaux (1979) sobre a relação do discurso com o seu autor e assim diz:

(...) o discurso não tem como função constituir a representação de uma realidade. No entanto, ele funciona de modo a assegurar a permanência de uma certa representação. Para isso, diríamos, há na base de todo discurso um projeto totalizante do sujeito, projeto que converte em autor. O autor é o lugar em que se realiza esse projeto totalizante, o lugar em que se constrói a unidade do sujeito. Como o lugar da unidade é o texto, o sujeito se constitui como autor ao constituir o texto em sua unidade, com sua coerência e completude. Coerência e completude imaginárias. (Cf. Orlandi, 1999, 73)

Ainda quanto ao silêncio do sentido do discurso, pode-se dizer que se trata de um fenômeno que transcende os limites do discurso, sobretudo quando este ainda está preso no *espaço textual de um documento sob a guarda* de uma determinada instituição. Deste modo, o silêncio não significa “(...) o vazio, o sem-sentido; ao contrário, ele é o indício de totalidade significativa. Isto nos leva à compreensão do ‘vazio’ da linguagem como um horizonte e não como falta”. (Orlandi, 1997, p. 70)

Portanto, o silêncio ao qual estou me referindo é a síntese da sutileza do enunciado do sentido de um discurso fundador. Isto é, por um lado, a sutileza própria que é naturalmente transferido do subconsciente do produtor para o sentido do seu discurso textual (o discurso fundador); e por outro, a sutileza também própria

Bundas, Ano 1 – Número 1 — 18 de junho de 1999, pp. 38-39.

⁴ A expressão *silêncio*, conforme vai aparecer em diferentes momentos é um conceito baseado na definição que Eni Orlandi dá para o mesmo no contexto da Teoria da Análise do Discurso (doravante AD)..

da capacidade perceptiva do receptor/interlocutor. Esse sujeito pode ser contemporâneo à produção do discurso, ou de épocas posteriores (como é o caso do profissional que trabalha com o passado), decodificando e interpretando essa sutileza. Nesta acepção, o silêncio forma ainda uma espécie de rede que interconecta ambas as sutilezas acima referidas.

Em qualquer trabalho as citações — e estas são fragmentos de discursos, ou melhor, de textos — têm a função similar de um hipertexto, segundo será definido mais adiante. As citações agem na função de se interligarem ativamente possibilitando assim ao leitor construir a lógica da compreensão do sentido do mesmo e, simultaneamente, o sentido do seu próprio discurso que jamais vem a ser a repetição do discurso que está sendo interpretado. No presente estudo, por exemplo, as citações e/ou ilustrações contribuem para imprimir maior agilidade e eficiência à minha percepção sobre um determinado assunto, ou fragmento do mesmo, segundo a lógica do sentido do objeto em estudo que em síntese já começa a ser enunciado no título e subtítulo da tese. Por outro lado, essa agilidade e eficiência da minha percepção só tem lógica se eu conseguir conduzir o leitor por um caminho que facilite fazer uma consulta instantânea a uma determinada citação ou mesmo a um capítulo, sem que perca o rumo original da percepção que está tendo do objeto estudado.

Quanto à incorporação de uma série de citações e ilustrações no estudo em curso, tem como objetivo básico tentar apreender — ao longo da atuação do Império colonial português — qual é o grau de reciprocidade entre o objeto de estudo da presente tese com o *impudor natural* do processo civilizador brasileiro. Exemplo desse impudor são os requintes próprios dos jogos de cenas naturais em espetáculos de *baixa comédia*, como aqueles citados pelo o Frei Betto sobre a solenidade de comemoração oficial dos 500 anos de uma *nova civilidade* que se formou através da destruição de uma outra então organizada e autônoma. Sobre este fenômeno, e no mesmo tom do Frei Beto, já havia dito antes o laureado cientista e militante Darcy Ribeiro no seu artigo *O povo Latino-americano* que

(...) *A celebração do Quinto Centenário assume por vezes um tom detestável de*

*festividade e glorificação das façanhas da Conquista. Mas aceitável, porque bem intencionado, é o engodo dos que, em lugar da Conquista, invasão ou choque, falam de um encontro de civilizações para se referirem ao que foi o mais terrível desencontro da história humana. Um **encontro**, como disse um intelectual índio. Não gosto também da demagogia de quem afirma que na invasão das Américas não houve vencedores nem vencidos. Claro que os houve e ainda há. Aí estão os índios há cinco séculos humilhados e oprimidos. O mínimo de respeito a seu drama devia calar estas vozes irresponsáveis. (Cf. Ribeiro, In: Carta, s/d, p. 17)*

Portanto, com o mesmo sentido das citações do Frei Betto e de Darcy Ribeiro, incluem-se a ilustração de Cavalcanti, scaneada do artigo do frei Betto, à semelhança de uma *Insígnia astrológica* de um devenir atordoado, ou quem sabe jubiloso, e a citação a seguir, a “odisséia marítima” do *Fidalgo brasileiro*, que Ariano Suassuna incluiu no enredo do seu romance a *Pedra do Reino*, inspirado no cancionero popular do Nordeste brasileiro, que assim diz:

“São Marujos brasileiros. / a bruna Pátria os criou: / são fortes Varões morenos/ do mar que Cabral cortou!/ Homens do mar que a Pedra talhara,/ vão cantando a estrofe rara/ que o Cego rouco cantou!/ Nautas das castanhas Plagas,/ vão, nas Caravela vagas,/ à Ibéria que nos sonhou!” (Cf. Suassuna, 1972, p. 165)

Mas agora, palavras minhas, sem as rimas de uma dança de ciranda ou de um *samba-de-matuto* cantando galope na beira do mar, dirijo-as aos orientadores, membros da banca examinadora e demais pessoas que se dispuserem ler estas maculadas folhas de papel. Primeiro, para agradecer-lhes pelas preciosas atenções, e também por não se aborrecerem pelo que está escrito neste capítulo em forma de uma introdução, no qual procurarei fazer uma *pré-liminar* do que na tese foi escrito. Em seguida, para lhes dizer ainda, como dizem os prosadores populares nordestinos, como o mestre pernambucano Ariano Suassuna, que esta tese é o resultado de um esforço feito para esboçar mais um Memorial a ser ofertado à Nação Brasileira. Não sei mesmo se com efeito aprendi a minha lição, mas uma das minhas preocupações se prende a um certo cuidado de tentar entender qual foi a contribuição da terra no devenir do passado transcendental⁵ dos saberes agrários brasileiros, pois os mesmos são valores que

⁵ A definição do vocábulo transcendental como conceito, está no capítulo I, item 1. Por se tratar de um conceito complexo, e também por ser uma das partes essenciais da hipótese deste trabalho, ele foi repetido em vários contextos que aparecem na tese.

estão intrínsecos ao homem que nela trabalha.

2) A opção

A opção de centrar este estudo no campo do saber e não no da técnica ou do conhecimento científico *stritu sensu*, será explicado mais adiante neste capítulo. Quanto ao conceito específico do SABER, e não de CONHECIMENTO, adotado nesta tese, alguns fundamentos basearam-se na *Arqueologia do saber* de Michel Foucault, assim como, também, em torno do método analítico, na Teoria da Análise do Discurso (doravante referida com as suas iniciais AD), tomando por base o método da Eni Orlandi.

Os fundamentos teóricos dos referidos autores foram adotados nesta tese por facultar, de um lado, uma maior compreensão dos fenômenos que *transitam* pela diversidade do tempo, espaço ou civilidades específicas; por outro, por facultar também a identificação de fenômenos passageiros e/ou localizados, ou ainda os que permaneceram e/ou transmutaram-se no contexto de um determinado tempo-espaço, como o tratado nesta tese. E para se chegar ao conhecimentos destes fenômenos foram seguidos alguns caminhos que nem sempre foram os mais simples. Um deles, por exemplo, foi o de tomar a historicidade do texto do documento-testemunho⁶ em sua materialidade.

Em parte, o conceito de historicidade adotado nesta tese se aproxima do de Orlandi. A diferença é que estou considerando texto, documento e discurso como coisas que têm propriedades com ordens de graus diferentes, ao passo que no contexto teórico da Análise do Discurso Orlandi considera “(...) o *acontecimento do texto como discurso*”. (idem, p. 68). A semelhança é quanto à existência de uma sutil reciprocidade entre a historicidade do texto enquanto coisa material, a do discurso e a da própria história em determinadas conjunturas. Neste sentido, não é diferente do conceito de Orlandi quando afirma que “(...) *há uma ligação entre a*

história externa e a historicidade do texto (trama de sentidos nele) mas essa ligação não é direta, nem automática, nem funciona como uma relação de causa-e-efeito”. (Idem, ibidem)

Nesta perspectiva, procura-se compreender o objeto da tese como um processo interativo que vai do complexo ao simples e vice-versa, cujos exemplos podem ser a análise dos saberes cosmológicos e da natureza materializados nos saberes cartográficos da época. Na contextura destes saberes, situam-se os agrários (indígenas x africanos x europeus, com ênfase nos portugueses) e as mudanças nas concepções de apropriação, tanto a econômica como a do saber da e sobre a natureza — segundo a definição de Raphael Bluteau⁷ apresentada no capítulo VII desta tese — pelo Estado Monárquico português. Deste modo, procura-se compreender as mudanças no ecossistema, as estruturas morfológicas das línguas e os distintos comportamentos civilizadores no contexto de uma economia em contínua transmutação de uma economia mercantil simples para uma outra mais complexa.

Destarte, a presente tese não se trata, nem tampouco concorda com a teoria da transferência do saber em si como algo que mecanicamente se extrai de um determinado lugar, transporta e se implanta em outro. O esforço aqui feito foi para tentar *checar* a teoria da transferência do todo (in totum) e ressaltar, ou mesmo comprovar, seguindo a trajetória teórico-metodológica do estudo que o processo de

⁶ O conceito de testemunho está no capítulo II.

⁷ Raphael Bluteau era *Clerigo Regular, Douctor na Sagrada Theologia, Pregador da Rainha da Inglaterra, Henriqueta Maria de França e Calificador no Sagrado Tribunal da Inquisição de Lisboa* O Calificador tinha como função principal no Sagrado Tribunal da Inquisição, suplicar sobre o que há de mais puro e de mais sagrado. Tem o mérito de ter sido o primeiro dicionarista da Língua Portuguesa, cuja obra máxima é o seu VACABULARIO PORTUGUEZ E LATINO. *Aulico, Anathomico, Architetonico, Bellico, Bothanico*. Autorizado com exemplos dos melhores auctores portuguezes e latinos e oferecido A El-Rey de Portugal D. João V pelo Padre D. Raphael Bluteau, Clerigo Regular, Douctor na Sagrada Theologia, Pregador da Rainha da Inglaterra, Henriqueta Maria de França, e Calificador no Sagrado Tribunal da Inquisição de Lisboa. Coimbra, no Real Collegio das Artes da Companhia de Jesú. Com todas as licenças necessarias. Anno Domini M.DCC.XIII. 10 volumes, mais dois de Suplementos. Editado de 1702 a 1713. O autor apresenta na introdução do seu Vocabulário o empenho e dedicação na organização do mesmo, faz um pequeno tratado sobre a origem e o significado filosófico e científico de cada letra e repete em cada verbete a numeração das respectivas páginas.

transferência se concretiza no silêncio do sentido de um discurso regulador, como será melhor esclarecido adiante.

Crer na transferência de saber como implante puro e simples de algo é, na minha opinião, não confiar na capacidade cognitiva da inteligência humana. Da mesma forma, não foi possível refletir aqui sobre a *teoria do transporte*, como sendo mais uma entre os diversos fenômenos do saber. Para refletir sobre a mesma, demandaria um esforço maior para compreendê-la melhor, em particular, sobre a corrente liderada por Bruno Latour que é demasiadamente complexa.

E, considerando estes aspectos, procurei construir um determinado conhecimento sobre o objeto e o sujeito da tese. Sobre este último, procurei enfatizar a interação do silêncio do sentido do discurso regedor desses testemunhos com as diferentes ações do sujeito que pensa, conhece e faz. Neste aspecto, se afasta um pouco do que afirma Foucault (1997, p. 61), que não aceita o discurso como a “(...) *manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece e que o diz: é ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo* (Foucault, 1887, pp. 61-62).

Poderia ainda ter fundamentado o conceito de saber segundo a concepção do filósofo italiano Antonio Gramsci, a partir da definição do seu livro *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*, ou de mais uma série de autores que trataram deste mesmo assunto sob perspectivas teóricas diferentes. Se tivesse tomado esse rumo, a análise do objeto deste estudo certamente ficaria incompleta. Isto porque, de certa forma, Gramsci constata apenas um lado do saber — que está também sendo considerado aqui —, ou seja, o saber orgânico de um determinado segmento de uma das culturas que constituiu a complexidade dos saberes brasileiros. Mas isso não quer dizer que a sua teoria formulada a partir dos fundamentos teóricos do materialismo histórico e dialético esteja superada. Ao contrário, ela foi bastante importante e, de certa forma, deu uma contribuição significativa tanto nesta tese quanto na minha dissertação de mestrado sobre Saber e Desenvolvimento Agrícola.

No caso específico deste estudo, se se prendesse apenas a reprodução do pensamento gramsciano não daria conta, exatamente em função de novas concepções teóricas advindas a partir dele, como, por exemplo, a Orlandi e a de Foucault. Cabe ainda fazer um breve esclarecimento sobre o que estou considerando materialismo histórico e dialético que incalculáveis autores atribuem a formulação original a Marx, cuja análise histórica das relações de produção, das determinações econômicas e da luta de classe resume muito bem Foucault ao dizer que “(...) deu lugar, no final do século XIX, à procura de uma história global em que todas as diferenças de uma sociedade poderiam ser reduzidas a uma forma única, à organização de uma visão de mundo, ao estabelecimento de um sistema de valores, a um tipo coerente de civilização”. (Cf. Foucault, 1997, p. 15)

No meu ponto de vista — e este tentei adotar em toda a tese —, o fenômeno do materialismo dialético, por ser exatamente histórico, encontra aqueles traços, ou origens que transcendem a formulação clássica atribuída a Marx. No entanto, jamais se pode deixar de reconhecer a importância teórica desse autor — assim como as de alguns dos seus discípulos —, ao sistematizar o que antes estava esboçado por outros autores, tais como Aristóteles, Kant e Hegel, deixando de lado ainda uma série de materialistas mecanicistas, tais como os naturalistas europeus do final do século XVIII e início do XIX.

A partir de Marx, a concepção materialista e dialética da história transmutou-se em uma outra concepção teórica, que no processo dinâmico da ação humana se constituiu em mais uma doutrina: a marxista. Neste sentido, tanto Marx como aqueles seus seguidores deram um grande avanço teórico ao definirem que a essência dessa concepção filosófica do mundo está na filosofia da práxis. E esta, por ser dialética, no sentido estrito da sua definição, só é possível compreendê-la como um fenômeno transmutativo das forças produtivas, conceito este também formulado por Marx. Portanto, o referido fenômeno é, por excelência, a dinâmica gerada pela constante justaposição dos contrários. E por assim ser, a interação sujeito-objeto do conhecimento se procede mediante a capacidade mental do ser humano construir e/ou perceber a realidade que o cerca, isto é, pela também

reciprocidade do simples para o complexo que é a síntese. No contexto do sentido desta lógica, fundamenta-se os conceitos transmutação e transcendental.

Esclareço ainda, não a título de justificativa antecipada, que procurei formular o quadro teórico a partir da diversidade dos sentidos dos discursos dos principais teóricos aqui utilizados. Uns, diretamente filiados ao marxismo na sua mais pura definição, entre os quais situam-se Bakhtin, Vygotsky, Gramsci; outros, independentes ou heterodoxos, tais como Delleuze, Foucault, Barthes, Eni Orlandi, Pêcheux, Benvenistes e outros mais. Finalmente, os teóricos mais representativos da Escola dos Análises⁸, tantos os franceses quanto os de outras nacionalidades — alguns deles citados na nota de pé de página sobre a referida escola —, que se formaram em torno dos fundamentos teóricos da mesma.

Mais uma vez, o ritmo desta dinâmica me remete a fazer alguns outros esclarecimentos. O primeiro é sobre o clássico conceito de fonte documental que, ao me basear na leitura de um texto de Marc Bloch, achei mais adequado denominá-la de Fontes Testemunhos, cuja definição está no capítulo II. Quanto ao conceito de documento, de certa forma rompe com o tradicional conceito de documento-memória imutável no tempo. Mas também não é no mesmo sentido de objeto arqueológico definido por Foucault ao dizer “(...) *que a história em nossos dias, se volta para a arqueologia — para a descrição intrínseca do monumento*”. (Cf. Foucault, 1997, p. 8) Neste caso, embora não seja exatamente igual, mas se aproxima mais do conceito de Eni Orlandi que o toma como “(...) *discurso: lugar de*

⁸ Conhecido movimento fundado em 1929 pelos historiadores franceses Lucien Febvre e Marc Bloch, com a publicação da revista *Annales d'histoire économique et sociale*. Até 1939 manteve-se este nome da revista. De 1939-1942, passou para *Annales d'histoire sociale*; entre 1942-46, *Mélanges d'histoire sociale* e, de 1946-hoje muda-se o nome para *Annales: économies, sociétés, civilisation*. Este movimento nos seus mais de setenta anos de existência, além de incorporar historiadores franceses de renome internacionais, tais como Fernand Braudel, Michel Vauvelle, Jacques Le Goff, Pierre Nora, Pierre Villar, George Duby e Armand Wellon, entre outros, também influenciou os estudos de história de vários países. Na Europa, apenas para citar os mais representativos, tem na Inglaterra: o grupo de Peter Burke; na Itália o de Carlo Ginzburg; em Portugal o de Joaquim Barradas de Carvalho, Vitorino Magalhães Gordinho, José Matoso entre outros. No Brasil, a sua influência maior foi em São Paulo, iniciado pela USP e com a participação do próprio Braudel; no Rio de Janeiro, na UFRJ e na UFF, em torno do grupo liderado por Maria Yedda Linhares e Ciro Flamarion Cardoso; em Minas Gerais, o grupo de Francisco Iglésia e na Bahia liderado por Kátia Mattoso.

significação, de confronto de sentidos, de estabelecimentos de identidades, de argumentação etc.” (Orlandi, 1990, p. 18)

Como já me referi antes, tomei o conceito de documento em si como fontes testemunhos que contêm o discurso em si. Este é, segundo a definição léxica, o registro concreto de uma determinada escrita, a manifestação concreta da língua, dados, ou informações codificadas sobre fragmentos da atuação humana em determinadas situações conjunturais. De acordo com tais características, considero o documento como algo material e com características especiais. Este, ao permanecer empoeirado e/ou corroído pelo tempo e espalhado pelos labirintos dos seus arquivos, é o único guardião sobre os fragmentos de algo que há muito tempo aconteceu, como mostra Mateo Ricci em seu Palácio da Memória. Se Junta a isto outros aspectos que são praticamente ignorados, tal como o da sua constituição física e características implícitas, tais como formato, tipo de papel, etc., que foram, não determinados, mas resultantes do conjunto das ações das forças produtivas acima descritas.

Assim, o documento, embora tendo as características dadas por Foucault, não o considero apenas como uma peça exclusivamente arqueológica, nem tampouco como a manifestação abstrata e que se manifesta apenas no nível do discurso, como dá a entender o conceito da Eni. O que interessa mais especular da complexidade do mesmo é a percepção do enunciado regedor⁹ ou o silêncio do sentido do discurso (segundo a definição da própria Orlandi) no conjunto dos documentos. Ao mesmo tempo, tal percepção virá revestida por um outro aspecto que é o do conceito de historicidade, tal qual está diluída no conjunto da tese. Certamente se não ressaltasse a interação testemunho-discurso em sua historicidade — essência da concepção dialética da história, presente na teoria da AD de Orlandi, e de certa forma também na de Foucault —, o resultado desta tese

⁹ Esta expressão vai ser constantemente usada em toda a tese não apenas na análise dos discurso das tradicionais fontes documentais, como também dos demais textos. Cabe ainda esclarecer, que o conceito de regedor, da forma como está sendo usado nesta tese tem dois significados básicos: o primeiro é o dele próprio, de reger, reitor, etc., o segundo é de reforço ao conceito silêncio que será explicado a seguir.

seria totalmente diferente, embora não imagine também o qual seria, e como teria sido o seu processo de construção.

Destarte, fiz a tentativa de analisar estes aspectos considerando os dados em si não como informação em seu conceito teórico e visto como um fenômeno teórico-abstrato, mas sim com a sua definição de representação convencional dos fatos ocorridos no período aqui estudado. A bem da verdade, ao tomar os conceitos teóricos de Foucault e de Orlandi sobre a AD, o de Francisco Varela sobre informação, os dos vários teóricos sobre história, escrita da história e literária, entre outros mais, de certa forma estou tomando a *ousadia* de definir e tentar aplicar neste estudo um conceito sobre o fenômeno da informação em reciprocidade com o de história, exposto no capítulo III. Considerarei informação não a partir da sua clássica teoria matemática, nem tampouco como algo que está somente no ímo das células neuronais, mas como uma rede de predisposições das inteligências humanas que transcendem em qualquer espaço-tempo os limites de uma simples experiência prática.

3) Alguns conflitos

A ousadia a que me referi no item anterior, pode vir também a se constituir numa rima básica do encadeamento com as idéias que estavam na minha imaginação sobre o objeto aqui estudado. Para aumentar mais os conflitos da minha mente, o computador me mostrou que tinha escrito quase trezentas mil palavras e nada ainda tinha sido concluído. Mas como são muitas palavras, espero que ao menos uma venha descobrir alguma verdade, porque “(...) *toda pesquisa (...) é feita para descobrir. Não é verdade? E depois que se descobre, se encobre, porque não é divulgado, é isso que eu acho da pesquisa*”. (Cf. Gato, 1994, epígrafe)¹⁰ E assim, escrever e reescrever algumas vezes esta tese tentando não encobrir as minhas idéias sobre o assunto foi o grande desafio que enfrentei, mas consciente estava e estou, porque todas as pessoas correm essa desventura ou a felicidade em alguns momentos das suas vidas.

Um, de edificarem castelos de pedra, ferro, cimento e cal; outras, de construírem os mesmos com cartas, na areia ou na imaginação, porém efêmeros, os quais, facilmente, se expiram com um sopro de vento ou um lapso do tempo. Tentei construir o meu! Primeiro na minha cabeça, depois transcritos nas páginas desta tese. Essa trajetória foi feita sempre pensando em um *castelo* construído com folhas de papel, palavra e idéias, mas que fosse mais do que uma simples morada. Se não conseguir fazer isto, ao menos apresento uma espécie de *espelho não efêmero*, mas um pouco mais resistente à corrosão do tempo. Animosamente, a tese se concluiu portando algumas metáforas, entre as quais estão as do castelo e do espelho.

Lamentavelmente, as suas estrutura e luminosidade não ficaram tão

¹⁰ Palavras de um pequeno produtor rural do interior de Pará, citado como epígrafe da dissertação de mestrado em Ciência da Informação de Robenise Gato — “(...) Cf. GATO, Robenise Farias. *informação tecnológica agrícola: processo de transferência para produtores rurais em organizações comunitárias do município de Capitão Poço (PA — um estudo de caso*. Rio de Janeiro: IBICT/CNPQ-ECO/UFRJ. Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação. Orient. Prof. Heloisa Tardin Christovão, Ph.D. Epígrafe.

sólidas como são, por exemplo, as edificadas no *pequeníssimo espelho* do artigo de Frei Betto acima citado. Neste artigo, de apenas uma página e publicado numa revista de humor, o autor teve a genialidade de sintetizar o lado linear e escarnicador — resumido na epígrafe que inicia esta introdução —, das ideologias pedradoras do presente com as do passado. Também não considero o meu castelo efêmero, pois isto seria uma contradição da minha parte. Ao contrário, e sem falsa modéstia, por ser construído de idéias, ele é mais sólido do que os daqueles *varões providentes e protetores* da gente e da cultura lusitana, construídos de pedras com ferro, cal, cimento e óleo de baleia, e que hoje são memórias imutáveis no tempo. Inicialmente, a matéria-prima que eu tinha disponível ainda era muito pequena. Fui à busca e parece que consegui. Visitei/pesquisei em diferentes arquivos dentro e fora do Brasil, cuja relação está no item Instituições pesquisadas/visitadas.

No final da pesquisa estoquei aproximadamente 1000 registros, incluindo livros lidos e/ou consultados, manuscritos transcritos e digitados e imagens, da mesma forma processadas no computador. Sem contar os registros referentes ao século XVII que não foram usados nesta versão, não mais de 20% desse acervo foram utilizados nesta tese composta de três tomos e nove capítulos, que serão apresentados no final desta introdução. E assim estou feliz, porque qualquer coisa pode ser motivo de felicidade, até mesmo quando se ganha um par de botas, como dizia Machado de Assis. Por fim, veio o tempo da redação para tentar externar da minha mente, não a totalidade, porquanto isto ainda hoje é impossível, mas ao menos, partes da informação acumulada pela sublimidade perceptiva da mesma. Dediquei alguns meses para encontrar palavras e idéias que pudessem revelar conceitos e metáforas. Parece que consegui, mas no entanto, o tempo foi passando, passando..., transcendendo para um presente mais próximo do de hoje, porém sem a preocupação do *provir* indicado oficialmente por uma data limite e exclusiva para a defesa da tese: 28/02/1999. Entremente, desenvolvi alguns conceitos que transpassam por toda a tese e construí uma metáfora, que é o título do primeiro capítulo: *A barca da exegese*, cujo objetivo é levar a efeito a mensagem da tese revelando *os resplandecentes prazeres da minha imaginação*. Labutei

muito, mas ainda não sei também se consegui compreender *a certeza de palavras verdadeiras*, como ensina o Gênese da Bíblia de Jerusalém, ainda que, algumas delas, devem ser declaradas para completar esta introdução.

Dificuldade teria em responder se alguém tivesse a curiosidade ou o interesse de querer saber o que eu estava fazendo durante todo esse tempo, em particular ao da redação da tese. Algumas respostas seriam fáceis, outras mais complicadas, mas na maneira do possível tentaria respondê-las todas. Inicialmente, diria que estava só desfrutando de alguns prazeres para viajar, silenciosamente, na sucessão do movimento do tempo da minha imaginação. Viagem essa feita pelos *labirintos do meu cérebro*, não a procura, visto que esta não existe, mas ao encontro de alguma coisa que certamente ainda não tinha certeza do que deveria ser, quiçá fosse eu mesmo. E o que iria fazer daí para frente? Parar essa tarefa, voltar para o meu interior e desistir de tudo para sempre? Não! Isto não faz parte da minha vocação!...

Portanto, imaginei que iria continuar, como de fato fiz, redigindo versões ainda que nas mesmas estivesse escrevendo palavras desusadas para revelar idéias falsas. Idéias que talvez tivessem alguma importância apenas naqueles momentos que tentava libertar o meu espírito de alguma traquinagem arrebatada pelo meu passado. Idéias admissíveis à construção de um texto no qual fosse capaz de encontrar uma certeza, ainda que estivesse na fronteira da dúvida, mas que fosse possível de ter alguma serventia para aquilo que tinha me predisposto a fazer: a conclusão da tese. E foi isto mesmo que comecei a executar, porque o meu desejo ardente era o de superar as perturbações do meu espírito causadas por alguns estertores da minha imaginação.

Certamente isto ocorria porque me encontrava sozinho, e essa solidão estivesse me incomodando e afetando o meu estado de espírito. No entanto, jamais, naqueles momentos, seria capaz de declarar que foram apenas essas proezas que estavam afetando o meu inconsciente, e, por isso, não conseguia ver outra saída senão acatar o apelo de Mário de Andrade — imagino que em situação como a que me encontrava naqueles momentos —, ao escrever os seguintes versos: (..)

Quando sinto a impulsão lírica escrevo sem/ pensar tudo o que meu inconsciente/ e grita./ Penso depois: não só para corrigir, como para/ justificar o que escrevi./ Daí a razão deste/ Prefácio Interessantíssimo. (Cf. Mário de Andrade, [1956], pp. 11-12)

No meu caso, pela razão de escrever esta tese que com certeza não é tão interessantíssima como são os poemas andradeanos. Mesmo assim passei a escrever, não em gêneros líricos, de escárnio ou maldizer, mas sim, em ritmo similar a de um *martelo agalopado* com o desejo de *torar-de-banda* um texto com feição mais objetiva e lançar fora tudo aquilo que certamente estava estorvando à minha memória. Assim, me propus a escrever um texto cujo conteúdo começasse pelo simples (a palavra), ao complexo (a compreensão do sujeito/objeto da tese), o qual também tivesse alguma idoneidade ajustável às leis gerais da classificação do conhecimento, expressas naquelas complexas listas preparadas por peritos bibliotecários. Nelas, o conhecimento é identificado com um “x” em frente das infinitas séries numéricas, de descritores ou em ambas. De qualquer forma, precisava escrever alguma coisa, o que veio resultar nesta tese, a qual, espero que tenha a possibilidade de ser revisada e, se possível, aproveitada e/ou utilizada por outrem.

Dúvidas continuavam e novos questionamentos sempre surgiam, como por exemplo: escrever o que, para que e para quem? Para eu mesmo ler em altos brados ou silenciosamente? Para alguém que tenha paciência de ler estas maus traçadas linhas e aceitar, ou não, as críticas, na hora da apresentação e defesa da tese? Ou seria ainda para imaginar que estava fazendo um tipo de exercício que se assemelhasse a uma análise regressiva sobre a minha vida, a minha formação ou atividade profissional, para ver se a partir daí encontrava, de uma vez por todas, as minhas conclusões sobre o objeto da tese?

Esperava um texto que no seu processo de construção fosse possível superar o marasmo, ou o conjunto dos fatos psíquicos que naqueles momentos se alojavam em meu inconsciente para importunar a minha consciência. E era isto mesmo que estava querendo realizar. Parafraseando mais uma vez os versos

andradeanos, direi que em certos momentos lancei, nas três versões desta tese, tudo que o meu *“inconsciente me grita. Penso depois: não só para corrigir, como para justificar o que escrevi”*, e no fim, que será a conclusão desta tese, provavelmente a resposta a esta questão fosse dada.

Mais um questionamento continuava na minha mente: será que todos aqueles que têm como ofício principal a palavra escrita já passaram por situações como as que passei nesses momentos dedicados à redação da tese? Sobre isto até hoje ainda não tenho a resposta. Sei sim, que naqueles momentos estava querendo encontrar coragem para, de uma vez por todas, reagir ao enfraquecimento acentuado do meu cérebro, mergulhando no indizível da minha imaginação em busca de palavras, idéias e/ou conceitos exequíveis à execução deste trabalho.

Presumia que este texto interesse somente a mim e não a mais ninguém. Se isto acontecesse, certamente não seria uma boa vitória de toda essa luta, pois só sairia ganhando muito pouco do meu adversário, que seria o meu próprio inconsciente. Vitória mesmo que traz glórias é se esta tese interessar a outras pessoas. Se na realidade isto acontecer, ficarei prazenteiro porque venci a incerteza que me seduziu naqueles momentos, lançando laços escorregadios em meu cérebro e acertando à minha imaginação, a ponto de a minha mente não conseguir raciocinar, o mínimo possível, sobre o tema em questão.

Outros fatores ocorreram no processo de redação da presente tese. No entanto, alguns deles jamais serão revelados, uma vez que estão localizados nos lugares mais profundos do meu cérebro. Mas tenho por certo que um desses já pode ser identificado na superfície externa da minha imaginação: o ato de escrever. Não o simples ato automático que praticamos todos os dias em nossas atividades profissionais, quando registramos palavras em uma folha de papel, ou na tela de um computador, como estou fazendo agora. Mas sim, o ato de escrever como limite de tentar reproduzir o que é praticamente irreproduzível, de refletir, de compreender, de adquirir algo novo, de tentar revelar um possível conhecido no desconhecido. Embora isto seja fácil para alguns, para outros se torna uma tarefa muito difícil e, certamente, estarei incluído neste segundo grupo. Produzir algo novo, ou mesmo

que não seja novo, mas simplesmente diferente, é uma tarefa difícil e se enquadra perfeitamente na entranha da mensagem de Clarice Lispector, quando diz:

(...) ontem mesmo perdi horas e horas a minha montagem humana. Se tiver coragem, eu me deixarei continuar (perdida). Mas tenho medo do que é novo e tenho medo de viver o que não entendo — quero sempre Ter a garantia de pelos menos estar pensando que entendo, não sei me entregar à desorientação. Como é que se explica que o meu maior medo seja exatamente em relação: a ser? e no entanto não há outro caminho. Como se explica que o meu maior medo seja exatamente o de ir vivendo o que for sendo? como é eu se explica eu não tolere ver, só porque a vida não é o que eu pensava e sim outra — como antes eu tivesse sabido o que era? Por que é que ver é uma tal desorganização? E uma desilusão? (...) O que era antes não era bom. Mas era desse não-bom que eu havia organizado o melhor: a esperança. De meu próprio mal eu havia criado um bom futuro. O medo agora é que meu novo medo não faça sentido? Mas por que não me deixo guiar pelo que for acontecendo? Terei que correr o sagrado risco do acaso. E substituirei o destino pela probabilidade.¹¹

Corri também esse *sagrado risco* durante o tempo que ocupei fazendo outros exercícios similares de redação da tese, mas todos foram frívolos, vazios, ociosos, e tiveram como destino final a lixeira. E assim vivi por mais de um ano mergulhando no desconhecido, tanto no da minha memória quanto na do computador, ambas *abarrota*das de palavras e representações indefinidas e desconexas. Ainda aliado a isto, sobre a mesa da sala empilhavam-se algumas centenas de documentos manuscritos, impressos e iconográficos transcritos e/ou digitados, referentes a vários aspectos do anteriormente referido passado transcendental dos saberes agrários brasileiros. Da mesma maneira, no soalho da sala e em cima do sofá espalhavam-se dezenas de livros sobre os mais diferentes assuntos. Em razão disso, acumulam-se, por um lado, as informações neuronais que percorrem o meu cérebro, e, por outro, os dados da referida documentação, dos quais só apenas uma parcela mínima deles foram apreendidos pela minha mente e/ou utilizada nesta tese, como será visto mais adiante.

Destarte, tinha perto de mim, ou dentro do meu cérebro, apenas uma parcela ainda insignificante de informações desordenadamente acumuladas, as quais me levaram, em alguns momentos, ao transtorno da minha capacidade de raciocinar, de adivinhar (?), de interpretar, mas longe de divinar. Isto foi mais uma razão para me esforçar e poder selecionar, criteriosamente — o que não é uma

tarefa fácil —, as informações que deveriam ser mantidas e as que deveriam ser apagadas de ambas as memórias. Isto deveria ser feito para evitar coisas como aquelas que o poeta Manuel de Barros (“Livro sobre Nada”) apresenta com grande propriedade: “(...) *Quem acumula muita informação perde o condão de/adivinhar: divinare./Os sabiás divinam*”. E assim, um verdadeiro caos se estabelecia em minha mente. Estava me sentindo perdido como se estivesse em um labirinto procurando uma saída, mas não a encontrava. Por causa disso, continuei vasculhando os *arquivos* da minha mente e diversos livros nas prateleiras, tentando encontrar palavras ou idéias, mas pouco estava adiantando.

Uma alternativa a essa perplexidade estourou em minha mente, a de por alguns momentos parar completamente a redação da tese, visto que isto já estava se transformando em uma espécie de morosidade patológica. Se fosse para ficar assim, tinha outros tipos de ociosidades mais saudáveis, tais como os exercícios práticos da boemia carioca, os naturais da poética libertinagem de Manuel Bandeira, os da dança da fecundidade que os gregos antigos dedicavam à honra do deus Dioniso, ou os modulares das pequenas óperas com danças, na Europa dos séculos XVI ao XVIII. E o retorno disso seria, e foi de fato, encontrar o caminho, o estímulo, ou talvez um mote (como é popularmente identificado um tema, um assunto) para voltar à tese. A bem da verdade, precisava fazer isto para não carregar ainda mais o peso da minha própria consciência perante às minhas atividades profissionais, assim como aos compromissos morais e éticos estabelecidos com os meus orientadores, o CNPq/IBICT e a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), com a qual tenho vínculos profissionais e acadêmicos.

Decisão tomada, ainda que parcial, naqueles exatos momentos, foi retornar ao trabalho de conclusão desta tese, cujas verdades ou certezas do que estava fazendo perturbavam a minha mente. Mesmo assim, naqueles referidos momentos as únicas certezas imediatas que chegavam à minha percepção eram: 1) o barulho que os feirantes faziam ao começarem a armar as suas barracas e a

¹¹ LISPECTOR, Clarice. *A Paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 1998, pp. 12-13.

expor as suas mercadorias sobre os estrados; 2) quando um garçon do restaurante Vila Rica me disse que o meu pai havia telefonado na noite anterior, o que é impossível, uma vez que ele faleceu em 11/11/1954; 3) que as noites eram quentes e barulhentas e a natureza anunciava e a tecnologia – através do relógio pendurado na parede – confirmava que faltavam apenas alguns minutos para às cinco horas da manhã, e 4) por motivo da preocupação de cumprir o prazo estabelecido pela UFRRJ para apresentar a tese, no dia que tinha de fazer isso (28/02/99), fui *agraciado* por uma trombose na perna direita, levando-me ao conforto de uma noite hipnoticamente repousada na Beneficência Portuguesa do Rio de Janeiro.

Tinha ainda a certeza da brisa que vinha do mar e a cor do céu indicando sempre que poderiam ser amanheceres serenos ou dias chuvosos, como aqueles que atualmente têm *favorecido* a vida dos habitantes desta *mui soberana* cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Ainda da janela do meu quarto, na hora dos intervalos da redação, apreciava as luzes trêmulas espalhadas no meio das árvores da praça Paris, chegando até a marina da Glória, que não é a mesma dona Marina da Glória. E, assim, por várias noites contemplei, à distância, as águas turvas da baía da Guanabara que se silenciavam, depois dos movimentos de barcos separando a cidade do Rio de Janeiro da de Niterói, e ambas da serra dos órgãos que se espalha pelo Estado adentro, na direção sul-norte. Aviões subindo e descendo, navios entrando e saindo, barcos e veleiros ancorados na marina ou velejando na baía, automóveis velozes nas pistas e a luz azul celeste do painel da VARIG piscando sob as águas e as ruínas do velho Aeroporto Santos Dumont — recém incendiado e vizinho da tradicional Ilha Fiscal, que não tem mais as pomposas festas imperiais — rematavam a minha insônia. Por fim, mais uma verdade é que assistia e continuo assistindo debaixo das árvores da praça Paris e em volta de pequenas fogueiras, ao som melódico dos mendigos e demais excluídos da terra, céu e mar encerrarem as suas freqüentes serestas e se despedirem cantando, em estilo jogralesca, músicas *Rap*. Aí eles realizam os seus prazeres, dão vazão às suas angústias existenciais, às suas indolência, aos seus sonhos, aos seus amores e aos seus solitários *magnus mistérios*...

Era comum, ainda, durante esses meses, ver os primeiros raios matinais trazerem consigo a luz de mais um amanhecer com as cores misturadas do *arco-de-deus*, parecendo enunciar as tarefas daqueles dias que restavam para escrever esta tese. Essas cores louvadas no encanto do coro das vozes dos *bem-te-vis* e pelo revoar desordenado de alguns pombos neuróticos batendo nas janelas ou adentrando nos apartamentos. Entrementes, a *Mimi*, nas suas diversas tentativas frustradas de caçar um deles, preguiçosamente se levantava e caminhava, a paços *tênues*, para montar a sua astuciosa armadilha, se escondendo no meio das *onze horas* espalhadas pelos batentes das janelas, e que logo mais exibiriam as suas centenas de flores multicoloridas. Não conseguindo mais uma vez realizar a sua façanha diária, decepcionadamente caminhava, *à sombra de protesto e miados de reclamações*, ao seu prato de ração industrializada para fazer a sua refeição matinal.

Estes foram prenúncios de como naqueles meses de redação da tese a minha memória tentava reacender-se para, a cada momento, dar início a mais uma das minhas petições de princípio. Esse reacender me levava sempre a mais um daqueles longos dias que ficava remetido ao destino de decifrar o enigma do dizível e do indizível das palavras manuscritas, das imagens ou da sintaxe da linguagem expressa na escrita de documentos antigos recolhidos de bibliotecas e arquivos consultados. Ainda contíguo a tudo isto, era comum o computador enguiçar e a impressora, através de uma luz vermelha, avisar que precisava mudar o cartucho da tinta colorida. A televisão sempre ligada, anunciava mortes de sem-terra, assassinatos nas grandes cidades, efeitos do *El Niño* sobre a seca no Nordeste e as enchentes no Sul, incêndio na floresta amazônica, aumento da soja no mercado internacional, experiências técnicas importantes realizadas por algum pequeno agricultor ao longo deste país e mais uma infinidade de notícias que só a memória artificial pode registrar.

Enfrentando esses estorvos, venci a etapa final deste estudo, ou o quinto tempo de esperar, conforme escrevi lá pelas últimas páginas do meu memorial, anexo único desta tese. Todavia, passei por todas as etapas anteriores

do doutorado, tais como as de cursar as suas disciplinas, escrever os trabalhos finais e escrever e apresentar o exame de qualificação. Da mesma forma, como disse acima, realizei ainda a pesquisa nos diferentes locais em que se encontram estocada a documentação, decifrando e transcrevendo letras e/ou linguagens, às vezes, quase que enigmáticas de manuscritos dos séculos XVI ao XVIII.

As palavras, as linguagens desses manuscritos, quando transcritas e digitalizadas no computador, ficam mais fáceis de serem compreendidas, mas quando ainda se encontram no contexto da documentação, às vezes, levaram a me defrontar com situações que não há tecnologia desenvolvida que possa resolver. Isto decorre, por um lado, do estado de preservação do documento, e, por outro, da técnica do escrevinhador ou do copista profissional de desenhar e distribuir nas palavras as letras manuscritas. Junto a esses detalhes, tem ainda a complexidade da linguagem, cujo estilo predominante foi o barroco. Esse estilo, que vai de aproximadamente dos fins do século XVI aos meados do XVIII — período de maior usança da documentação analisada nesta tese —, se caracterizava pelo realce de conflitos entre o espiritual ou místico e o profano ou temporal. Embora tal estilo esteja mais presente nos textos de caráter teórico, também é possível encontrá-lo no texto documental, em particular, na caligrafia, na arte de escrever à mão. Foi exatamente nesse momento que encontrei uma certa dificuldade para transcrever e analisar a documentação que venho trabalhando no presente texto. Ainda assim, não causou tantas vacilações quanto as que encontrei durante a redação de algumas versões da tese, em particular, desta última.

4) O aparente fim do conflito

Parece-me mesmo que essas vacilações só se manifestaram naqueles momentos por uma questão metafísica, ou natural, do espírito humano, que é a de tentar encontrar palavras e idéias originais como as que foram aqui pretendidas. Mas foi graças a esses conflitos naturais que me encontrei com o tema, o período, e primeiro título da tese e dos capítulos, os seus consecutivos subtítulos e as sugestões dos orientadores e da banca de qualificação. As destes, muitas foram acatadas, especialmente as feitas por Francisco Carlos Teixeira da Silva, como, por exemplo, a da redefinição do período definido no projeto original: século XVI ao final do XVIII, e a de substituir o termo *técnica* agrária, pelo conceito saberes *agrários* acrescentando à expressão “Estado Monárquico Português” e mantido o título principal: “Informação da terras do Brasil”. Conforme havia explicado no texto da qualificação, o este título foi tirado da primeira carta de Manuel de Nóbrega (Cf. Cartas Jesuíticas. Introdução e comentários de Afrânio Peixoto, edição da Academia Brasileira de Letras, 1941), ao chegar no Brasil em 1549.

A primeira sugestão propunha que me limitasse ao período de 1500 a 1640 (restauração da Coroa portuguesa, ou período de D. João IV), que, de certa forma, está contemplada nos capítulos VII, VIII e IX, e terminou sendo o ponto central da tese. A função desses capítulos é, por um lado, a de reciprocidade com os demais capítulos e por outro, ao tomar o material empírico analisá-lo segundo os pressupostos teóricos — de certa forma já pré-determinados desde a primeira versão do projeto, mas que foram se transmutando ao longo do tempo —, e fazer a tentativa de síntese dos diversos fenômenos naturais do objeto da tese.

Mas a complexidade maior foi quanto à segunda sugestão, uma vez que isto passou a implicar no olhar sobre o conhecimento do tema (objeto) e a percepção do mesmo (sujeito), não mais se restringindo ao estudo da História Agrária *stritu senso*, mas sim, aos saberes agrários num sentido mais lato. Por outro

lado, isto foi muito positivo porque me obrigou a fazer um esforço maior para reciclar-me teoricamente e assim poder compreender melhor os fundamentos teóricos, não apenas do conceito de Saber, mas da própria Teoria do Conhecimento segundo os seus parâmetros atuais.

Este processo me despertou ainda para o que Francisco Carlos expôs nas suas aulas da disciplina *História da Agricultura Brasileira*, neste doutorado, no 2º semestre de 1996. Em particular, numa em que ele fez preciosas explicações sobre a composição das propriedades rurais, ressaltando o papel desempenhado pela pequena produção no abastecimento de gêneros alimentícios à população das nascentes cidades. Essas, e muitas outras mais, foram contribuições importantíssimas e que muito corroboraram para compreender a atuação do velho *projeto* colonial português no Brasil nos respectivos séculos, um dos aspectos básicos tratado neste estudo. Durante a redação da tese, procurei esses assuntos em alguns dos seus textos, mas não os encontrei com o nível de detalhes daquelas aulas. Mas como havia tomado notas de grande parte das mesmas, utilizei-as em algumas passagens do capítulo IX, com a seguinte referência no final da citação: (Cf. Silva, notas de aulas, 2º semestre de 1996).

Visando manter a coerência daquelas propostas com o encadeamento teórica natural do conceito *saber* e o do processo de organização dessas novas sugestões, fui tendo uma maior aproximação com a complexidade da Teoria do Conhecimento que envolve outras teorias, como a da história e a da Informação. Não no sentido que lhe é dado pela tradicional Teoria desta última e baseada na análise matemática, mas no de entender a informação como um fenómeno intrínseco à pulsação do cérebro humano.

Portanto, em relação ainda à questão teórica os saberes agrários brasileiros, como estão sendo analisados no presente estudo, não se limitam apenas a uma determinada ação prática, a uma simples informação ou qualquer que seja o nome dado a uma representação convencional de como produzir ou manejar um instrumento qualquer. Esta é, na realidade, uma pequena parte conhecida do sujeito em questão. No entanto, a sua construção é resultante de um

conjunto de fenômenos de naturezas diversas, e, por isso, o estudo e a reflexão sobre os mesmos ficariam infrutuosos, se se reduzir à exposição minuciosa sobre a forma corpórea e utilitária de um determinado objeto, ou da experiência em si.

Por isso, cabe esclarecer ainda que a data limite de 1705 tem uma função apenas operacional, que é a de marcar o fim da escritura do presente estudo, mas não do processo de transmutação do tema nele enunciado. Em razão disto, o corpo da tese terminou sendo formado pela *permuta* entre o conjunto dos sentidos dos discursos das fontes testemunhos. De qualquer forma, aquelas sugestões também reforçaram uma idéia remota que já tinha conversado rapidamente com o professor Luís Flávio, de organizar um texto que tivesse alguma similaridade com o clássico conceito de *hipertexto*, e, se as condições financeiras e as normas da Universidade me permitissem, apresentá-lo em formato de CD-ROM. A importância destes recursos é porque eles facultam, segundo mostra o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, verbete hipertexto, “(...) a possibilidade de fazer consultas imediatas em ordem ditada pelo leitor”.

Na realidade, essa minha idéia já vem de algum tempo quando lia mais constantemente as obras de Machado de Assis. Então, passei a observar que o referido romancista já apresentava os primeiros indícios de hipertexto na cultura brasileira, ao alertar constantemente ao leitor que, se quiser passar daquele capítulo que está lendo para um outro mais adiante, seguir a leitura ou depois retornar aonde parou, e não prejudicaria de tudo o entendimento sobre o assunto. Atualmente esta técnica está bastante desenvolvida na leitura eletrônica de vários textos, entre os quais se inclui o próprio Dicionário acima citado.

E, por tudo isto, ainda que por algum tempo as referidas tenham me causado os transtornos acima citados, grato estou, porque foi a partir delas que me levou à sedução de analisar a complexidade do tema, fundamentar as hipóteses e, enfim, mesmo que em alguns momentos possa ter cometido alguma ambigüidade, espero ter realizado como disse no final do meu memorial, os “desejos de esperar por esta Tese, teimosia de um (re)tirante semear sentenças e prudências em quadras por todo esse tempo que jamais

saíram de mim aquelas palavras da minha mãe: *'pensava qui istoria se cuntava e num precisava ser dottor pra si cuntá istoria mais istou felis pruque vance ista felis'*. E assim, *"(...) Para quem pediu sempre tão pouco, o nada é positivamente um exagero"*¹², **e o todo é esta tese de doutorado, a quinta parte do meu tempo de esperar'**.

Das propostas do objeto de estudo elaboradas no projeto apresentado à seleção ao doutorado, permaneceram as do seu núcleo básico, mesmo assim, fundindo-as com algumas das apresentadas e justificadas no texto da qualificação. Naquela ocasião, justifiquei a mudança do título do projeto para um outro ainda apenas esboçado. Este, também pelo impulso das sugestões acima expostas, sofreu mais algumas modificações, resultando assim no atual, que me pareceu ser o que melhor sintetiza o conteúdo da tese. Tudo isso parecia estertores, ruídos, pontos cruzados por onde passei, e por alguns momentos parei. Parei, porque

(...) quando a encruzilhada se apresenta, com suas múltiplas estradas/ é muito difícil saber onde é mão e contramão./ O estradeiro às vezes vacila, pois a vereda que escolher/ Tanto pode levar ao casal oculto, ou aos vasos de harmonia/ Como a um beco sem saída, como já me aconteceu muitas vezes./ Para escolher a estrada errada é fácil, nós somos livres para isso./ Mas, para enveredar pelo caminho certo, o nosso caminho/ Eu não me fio mais em minhas próprias forças./ Fico esperando um sinal, uma indicação. Não é da intuição que estou falando, a intuição existe. O sinal vem de alguma coisa que não existe e no entanto é. (Cf. Victor Leonardi, 1999, pp. 17-18)

E, certamente, antes existia um sinal no meu Cérebro, mas por estar inapto me conduziu a essas encruzilhadas, e só passou a existir, ou se transformar, ou a me desviar das mesmas, a partir da suavidade daquelas aprazíveis sugestões dadas pela banca examinadora, que me levaram a escrever esta versão. Mesmo assim, nem de tudo tinha purificado a minha mente para o que eu precisava fazer, pois ainda estava compelido por um outro estratagema natural do meu provir. Este, se revela aqui através de outras palavras de Clarice: *o que me proponho contar aqui parece fácil e à mão de todos*, mas que na realidade é o contrário.

Cheguei assim no ponto mais difícil que acredito ser, em todo e qualquer trabalho que leva à *queima* de algumas células neuronais, para se tentar um mínimo de novo em um objeto estudado. Assim procurei estruturar o objetivo

¹² Cf. José Paulo Paes. Folha de São Paulo, 18/10/98, Caderno MAIS, p 5-9.

básico da tese que é o de conhecer, ou mesmo construir mais uma representação, entre as demais que já existem, sobre a constituição dos saberes agrários brasileiros em um determinado período atuação do Estado Monárquico português, que compreende *grosso modo* os séculos XVI e XVII. À proporção que fui trabalhando o objetivo, observava que o mesmo se entrelaçava com os demais saberes. Por um lado, com os ditos saberes populares, senso comum ou orgânicos;¹³ e por outro, com os saberes, ou conhecimentos produzidos sob o rigor dos métodos científicos nos contextos das suas historicidades.

5) O recuo no tempo

A dinâmica natural da construção deste objeto me levou, portanto, a fazer um recuo no tempo e a breves considerações sobre o passado transcendental de Portugal, a partir de 1383, com o advento de D. João I ao poder. Mas esse recuo tem apenas um papel estratégico que é o de situar D. Manuel I como a síntese de uma problemáticas: a da constituição do capitalismo comercial português. Quanto ao novo período aqui estudado, o saber científico dominante, situava-se, num primeiro plano, na concepção cosmológica do Universo, que apresentava uma espécie de síntese da Escolástica com a teoria cartográfica do mundo, de Cláudio Ptolomeu. Ambas foram partes das análises do objeto do presente estudo, a começar do seu capítulo II, porém aparece com um pouco mais de profundidade, no capítulo VI.

Os fundamentos teóricos da Escolástica baseavam-se, sobretudo, no argumento do livro Gênesis, das Sagradas Escrituras, que trata das origens do mundo e da humanidade : “(...) *No princípio Deus criou o céu e a terra. Ora, a terra estava vazia e vaga, as trevas cobriam o abismo, e um vento de Deus parava sobre as águas*”. (Cf. Bíblia de Jerusalém, 1985, p. 31) Neste contexto, entendia-se que a

¹³ O conceito de saberes orgânicos está implícito na filosofia da práxis do filósofo italiano Antonio Gramsci, em particular, no seu livro: *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*.

Terra, no sentido de espaço geográfico ou Natureza — como se pode resumir ainda do texto do mesmo Gênesis —, seria o palco criado por Deus para receber as águas, verdejar as verduras, produzir árvores frutíferas e ervas que dêem sementes, assim como os seres biológicos, mecanismos esses fundamentais para a multiplicação dos mesmos, através da reprodução natural.

Por outro lado, as teorias cosmológica e cartográfica de Cláudio Ptolomeu, formuladas no seu Tratado de astronomia (o Almagesto) elaborado em Alexandria por volta da segunda metade do século II da era cristã, fundamentam-se no neoplatonismo. Segundo Ptolomeu, a origem e destino do Universo e, logicamente, do homem, assim como as suas respectivas ações, provêm da vontade única de Deus. Ptolomeu também é considerado ainda nos dias atuais, pelos especialistas em cartografia, como sendo o primeiro astrônomo/cartógrafo da Antigüidade clássica, criador da representação cartográfica cilíndrica do mundo. Essa representação dispunha geograficamente o Globo terrestre nas dimensões do mundo mediterrâneo, bem como admitia ser a Terra o centro do Universo e em torno da qual giravam todos os astros.

Em razão dessa complexidade tentei desenvolver aqui um tipo de abordagem, que, por ventura, possa vir a ser um pouco mais harmônico no tratamento de um tema que envolve muitos elementos ou partes, como é o aqui estudado. Destarte, o considero também uma espécie de *erva viva*, pois ele está sempre no presente, embora o objeto da tese esteja no passado. Mas nem por isso, tenho nenhuma intenção de me prender à *saudade do passado* ou à esperança aleatória de um *futuro* desconhecido.

E, pensando no presente, silenciosamente procurei estruturar, no íntimo da minha mente, a ideação de uma barca da exegese, na qual fosse capaz de fazer uma viagem tipo expedição virtual no tempo e no espaço a fim de melhor julgar se há ou não, ainda nos dias atuais, algum interesse em conhecer o objeto do presente estudo. A referida ideação foi fundamentada teoricamente no capítulo I, desenvolvida no II e complementada nos demais que serão apresentados resumidamente na parte final desta tese.

Deste modo — apesar de já um tanto exaurido nesta reta final do estudo em desenvolvimento —, o que foi observado nos nove capítulos, agrupou os elementos básicos para a confirmação da hipótese sobre a transmutação¹⁴ dos saberes agrários brasileiros, num período e num mundo desterritorializado e singular: o Estado Monárquico Português. Período, que, como ficou demonstrado ao largo da tese, os soberanos e os que mais intimamente os cercavam exibiam, aos olhos de Deus e do mundo, sua fortaleza e magnanimidade, sua prudência e (in)justiça, sua capacidade do todo saber de antanho, do interpretar os tempos que corriam e, mais do que tudo, do descortinar os rumos dos homens e dos fatos.

Da mesma forma pensavam o devir provendo com a força do seu poder, o futuro e não o risco da glória lusitana, ou melhor, da glória daqueles *varões providentes amontoados* nas classes hegemônicas lusitanas. Essas sim, tanto as da metrópole como as das suas ex-colônias, ao malogro de uma esperança do processo natural da transmutação — quer seja no âmbito econômico, político e social, quer seja no dos saberes —, foram, e continuam ainda nos dias atuais, sendo as vitoriosas.

Especialmente aqueles *varões providentes*, cujas vidas e definições estão no capítulo II, segundo narraram os seus fiéis cronistas, foram exemplos de dedicações articuladas na *defesa* do expansionismo comercial e marítimo da sua pátria, respaldados no discurso da salvação das *almas impuras* pela fé cristã. Esses varões atravessaram mares, conquistaram terras, substituíram religiões de civilizações milenares cuja representação mítica segue normas adversas às da Europa cristã. À mesma feição, adonavam-se das riquezas materiais e de alguns saberes mais estratégicos — tais como técnicas navais, agrárias e de comércio de especiarias até então desconhecidos —, mas também lançavam alguns dos seus àquelas populações.

Baseando-me no equilíbrio das concepções sumariamente descritas acima, apresentei assim um breve esboço epistemológico do paradigma dominante

¹⁴ A definição do vocábulo transmutação como conceito, que é o núcleo da hipótese desta tese, está diluído por toda a tese, mas de certa forma, começa a ser definido no capítulo I, item 1.

e demandante das concepções sobre os saberes gerais da Europa, até aproximadamente o início do século XVIII, quando parte deles foi refutada pelo da Revolução científica, esta formulada por Issac Newton na primeira metade do século XVIII. Numa primeira instância, esse velho paradigma foi a base da reciprocidade das diferentes manifestações expansionistas tanto por terra quanto por mar, na formação mercantil e/ou capitalista, até então acentuadamente eurocentrista. Em particular, a partir do século XV, cujas expressões principais, no campo da tecnologia náutica, foram as experiências de Sagres, em Portugal, e as de Cádiz, na Espanha.

Destarte, uma parte significativa das fontes testemunhos — cuja definição está também no capítulo II acima citado, ao ser tomada como a matéria-prima essencial para a elaboração desta tese, se constituiu dentro desse contexto teórico. Em particular, as obras dos cronistas nobiliárquicos da Corte portuguesa dos XV ao XVIII, maioria as dos viajantes, missionários e/ou cronistas e alguns documentos oficiais que tratam do Brasil, a partir do século XVI até início do XVIII. Dentre essas fontes, as obras dos franceses André Thevet e Claude d'Abbeville, a do alemão Hans Staden e as dos portugueses Manuel da Nóbrega, Gabriel Soares de Souza, Fernão Cardim, Frei Vicente do Salvador e vários outros dos séculos XVI e XVII, foram produzidas de acordo com o velho paradigma acima referido.

Este também foi um dos motivos que me conduziu a estruturar os três capítulos que compõem o Tomo I: *Conjetura sobre o fenômeno do processo de transmutação do passado transcendental dos saberes agrários brasileiros*. Nestes capítulos, além de estruturar, procurei justificar teoricamente a hipótese básica da tese, *O passado transcendental dos saberes agrários brasileiros: um fenômeno em transmutação no Estado Monárquico Português*. Ainda em decorrência dessas sugestões, surgiu a necessidade de ampliar a discussão teórica, o que levou a incluir outros temas pertinentes ao aprofundamento das referidas sugestões, tais como o da reciprocidade da palavra com a linguagem, o de definição de vários conceitos e a tentativa de explicação da reciprocidade dos fenômenos da história

com os da informação. Embora tudo isso esteja explícito nos referidos capítulos, eles adentrar-me por toda a tese, cuja estrutura será sumariada no final desta introdução.

A bem da verdade, foi pelos mesmos motivos acima referidos que acrescentei outras justificativas teóricas das metodologias àquelas esboçadas no texto da qualificação. Entre outras, acrescentei a Teoria da Análise do Discurso, na linha de Eni Orlandi, segundo está definido no capítulo I, tomando como roteiro principal dois dos seus livros: *As Formas do Silêncio. No movimento dos Sentidos e Terra à Vista. Discurso do confronto: Velho e Novo Mundo*, que, na minha opinião, são neles que a autora formulou melhor a sua teoria.

Sentindo a necessidade de aprofundar mais esta parte metodológica, incluí ainda uma série de autores, não necessariamente dentro de uma mesma estrutura ideológica. Às vezes, citei autores dos campos da lingüística, da filosofia, da literatura, da história ou mesmo de um outro campo do saber, que, direto ou indiretamente formularam teorias sobre análises do discurso apresentando posições teóricas adversas, mas, no meu entender, no caso específico deste estudo, terminaram por trazer uma boa contribuição. Como não estava estudando os aspectos ideológicos de cada um deles — e esta é uma inclinação natural do pensar heterodoxo —, procurei valorizar mais a contribuição que o sentido dos discursos dos mesmos dão uma melhor compreensão do meu objeto de estudo desta tese no seu estágio de construção. Por isso, adiantando aqui o que vai ser dito no início do capítulo I, que este não é um estudo de história agrária *stritu senso*, mas sim, de alguns dos aspectos relacionados à constituição aos saberes agrários brasileiros

6) as normas e convenções seguidas

Este estudo não se prende, de forma ortodoxa, a uma única e exclusiva tendência teórico-metodológica, embora, num plano mais abstrato, não deixa de ter sido influenciado por algumas tendências mais críticas e/ou heterodoxas do materialismo histórico e dialético. O leitor certamente vai criticar, tanto a quantidade quanto o tamanho das sucessivas citações escritas e gráficas. Mas o uso das mesmas se justifica por serem *à-propos* implícitos a concepções teóricas e estruturas textuais em trabalhos dessa natureza, sem contudo significar que esteja se fazendo uma história documental.

Neste caso, segui duas normas básicas: a primeira conhecida por anglo-americana que cita o último sobrenome do autor, a data da publicação da obra e a(s) página(s) da(s) obra(s) citada(s). A outra, é a tradicional citação de rodapé, usada normalmente nas línguas neolatinas, cujo objetivo foi exclusivamente de complementar e/ou esclarecer o assunto em comentário no corpo do texto. Quando por acaso em uma destas notas aparece a referência a um determinado autor e obra, segui os mesmos tradicionais critérios, que são os de iniciar com o sobrenome do autor em caixa alta, normalmente quando este vem precedido de uma preposição; o título da obra em itálico, o nome do local onde foi editado, o da editora, o ano da publicação, etc.

Em toda a tese, de acordo com a necessidade que ia surgindo, procurei aplicar as clássicas normas das convenções existentes, como, por exemplo: o uso de aspas em uma palavra ou frase para destacar os significados das mesmas, foi substituído por itálico. Algumas delas, que aparecem em itálico, têm o objetivo de ressaltar certas características, que nem sempre, mas às vezes revelam o sentido de comentários críticos. As citações até no máximo quatro linhas estão entre aspas e em itálico dentro do corpo do texto, com o mesmo tamanho de letras, sempre iniciando com esta indicação: "(...)" e com o último nome do autor, ano de publicação e indicação da(s) página(s) do texto original. Quando faço alguma observação no

meio de uma determinada citação, coloco-a entre colchete e sem itálico, como por exemplo: (...) *algumas propriedades alodiais* [livres de foros], *livres de...*” Esta formatação foi complementada ainda com as normas da UFRRJ e pelo clássico manual de redação de Mário Camarinho e pela ABNT.

Ainda que este não seja um estudo sobre semântica, semiótica ou áreas afins, mas sim sobre saberes agrários, como já foi repetido algumas vezes, procurei, o máximo que pude, no que se refere às citações de textos antigos, manter as suas estruturas morfológica e fonética originais. No referente aos textos manuscritos, procurei seguir os critérios paleográficos estabelecidos pelas NORMAS TÉCNICAS PARA TRANSCRIÇÃO E EDIÇÃO DE DOCUMENTOS MANUSCRITOS, que fixam diretrizes e convenções para a transcrição e edição dessa documentação. (Cf. Ferreira, s/d, p. 1)

Quando encontrei alguma nota de mão alheia, esta foi explicada em nota de rodapé, procedimento este usado também para o esclarecimento de representações gráficas de toda e qualquer citação de um documento, quanto ao objetivo da publicação, o tipo de documento e outros dados complementares. Da mesma forma resolvi padronizar as transcrições de manuscritos e também de textos antigos impressos, como por exemplo os do Vocabulário Portuguez Latino de Bluteau, tanto para as mudanças lineares quanto para a divisão paragrafíca original, o uso de uma barra (/) indicando o final das linhas e dos parágrafos.

7) O estilo

Fiz uso de algumas expressões muito pouco conhecidas e/ou usadas, em particular na linguagem culta brasileira como, por exemplo, adonação. Este substantivo deriva-se do verbo adonar-se que foi usado pela primeira vez na Língua Portuguesa, no *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* de Caldas Aulete, verbete adonar-se: *(Brasil: Rio Grande do Sul) apossar-se astuciosa ou dissimuladamente de alguma coisa. Dono. Tornar-se dono, apoderar-se de alguma coisa usando de esperteza ou velhacaria. [Presente do subjuntivo: adone-me etc.* Passei a usar a referida expressão nesta tese, por considerar mais apropriada ao tema e também porque, de certa forma, complementa o conceito de *colonizar*, que significa — segundo os dicionários e demais textos que analisam este assunto, em particular, a *Dialética da Colonização* de Alfredo Bosi —, *Habitar como colono. Vir do colo, estar dentro de algo. Propagar-se ou alastrar-se por; invadir, etc.* As demais palavras que definem conceitos são *testemunho*, *transmutação* e *transcendental* que serão definidas mais sistematicamente nos três primeiros capítulos. A idéia de usá-las surgiu exatamente quando passei a reformular o tema original, em conseqüência daquelas sugestões da banca examinadora explicadas anteriormente.

O conceito de *transmutação* aqui adotado e que traspassará por todo o texto da tese, não deixa de se assemelhar ao que aparece nos dicionários e que dá idéia de formação de algo novo, de novas espécies. No entanto, difere radicalmente dessa definição funcionalista, quanto ao processo de formação desse algo novo. Destarte, não se trata de um processo linear, sistêmico, mecânico mas sim, dinâmico, que, normalmente, tem no conflito de oposição que leva à desagregação do antes, do conhecido, a construção da coisa nova, do *vir-a-ser*. Por fim, o conceito *transcendental*, cuja origem teórica está nos fundamentos preliminares à *dialética da Razão Pura* de Immanuel Kant, está exposto no capítulo I. Nas

incursões feitas por esse mundo silencioso da pesquisa encontrei nas enciclopédia explicações que reforçaram a compreensão de alguns conceitos e/ou determinados acontecimentos históricos. Nos dicionários, procurei vocábulos e encontrei

(...) palavras que de uma outra vêm/ lições de vida que a vida suscita,/ bem como agora... Exemplos? Cá os tens./ Folheia com cuidado o dicionário,/ ele é de estimação/ e tua tia;/ com quanto amor o tem ela guardado,/ este livro precioso,/ sempre vário!/ Como ensinar, sem ele, o português,/ sem ser aula platônica, abstrata?/ A língua serve a que a pratiques, ames,/ há que falar correto, com amor...

(Cf. Queirós Filho, fragmentos de Lição de Português, no prelo)

A importância do uso do dicionário, segundo as palavras de Bluteau — que atribui a Adão a legislação do primeiro dicionário— é porque nele se encontra a fecundidade e a elegância das línguas e a

(...) eloquencia demons/tração da propriedade das Monarchias”./ A opulencia de hum Reyno não só consiste na abundancia das riquezas, senão também na affluencia das palavras; & assi pello com/trareo, todo o Reyno, falto de palavras, he sobre. Já o disse Quin/tiliano, em Roma, no tempo que da Grecia mendigavas o Lacio,/ as dicçoens, que lhe faltavaõ. Sem abundancia de vozes para to/das as materias do discurso, emudecem as Artes, & as Sciencias,/ e fica ociosa a capacidade dos que nos Pulpitos, Academias, & Congressos dos Sabios, querem expor os cabedaes do seu engenho. (Cf. Bluteau, 1702-1713, verbete dicionario)

Justificando a sua colocação em defesa da língua, e/ou da sua representação gráfica, Bluteau toma como exemplo o que ocorreu na Inglaterra, na ocasião em

*(...) que nos tribunaes de Londres se defendiaõ as causas em Lengoa Franceza: em França, & Italia os livros/ modernos ostentaõ nos campos da Eloquencia innummeraveis litera/rias conquistas: continuamente descobre Castella na fecundia dos Seus/ Escritores, minas domesticas de riquissimas expressoens, & envejando a Portugal a graça, não se despreza, de/ se ornar com ellas, &, de honrar com peregrinas, & hospedas;/ tanto assi, que á Palavra, significativa da primeyra, & mais tem/ra idade, fazaõ os Cortezaõs em Madrid taõ bom acolhimento, que/ a introduziraõ em Palaciom de sorte que as Pessoas Reaes, antes querem chamar a hü seo pagëzinho, Menino, `q. Miniño: & se as nacoës Sep/tentrionaes sentiraõ taõ vivamente, como os Portuguezes a pena da/ auzencia, complicada com ansias do dezejo da restituiaõ de hü/ bem amado, não tardariaõ, em tomar do Thesouro dos affectos Por/tuguezes, a preciosa, & dulcissima palavra, Saudade. (...) Como noticias das lingoas depende da maneira, potencia debil,/ & fallivel, os Diccionarios, ricos Indexes, copiosos Repertorios, & Memoreaes impressos, em que com ordem, distincão, & facilidade se/ achaõ as palavras, a significacão, & uso dellas natural, & meta/phorica, saõ obras, não só uteis, mais preciosas, assi a os que apren/dem lingoas, como aos que já as sabem, porque, nem estes as sabem totalmente, nem aquelles sem este **Prompluario**, & domestico au/xilio, podem facilmente aprender as que não sabem. (...) Todos bons homens saõ mortaes, mas nem todos saõ indoutos. Se não/ há remedios para a morte, para a ignorancia não faltaõ antidotos./ Para combaterem este monstro, nos vocabularios estaõ as palavras/ como um exercicio bem ordenado, em fileiras alphabeticas, & a pé/[quedo,] como as estrelas, que fixa nos sus postos, desbastaraõ/ as tropas,*

capitaneadas sífora. Quem nos mais livros estuda,/ poderá, como Vuncanu, tirar ás martelladas da cabeá de Jupter,/ á Minerva: mas correndo as folhas de um bom Vocabulario, a cada/ Paragrafo topará com Pallavras sempre pron& sempre fertil,/ para instruir a quem a consulta. (...) Deste/ genero de milagres sempre seraõ fecundas as folhas dos Diccionarios:/ cada uma dellas he campo aberto, & cultivado, para produzir eru/diçoens, & fertilizar engenhos. (Cf. Bluteau, Op.cit., Introdução)

E termina aqui esta dicionarização com um exemplo de Charles Boudelaire ao comentar uma parte da frase em latim de Horácio (Odes, III, III, 8), *Si fractos illabatur orbis, inpavidum ferient ruinae* (Se o universo partido desmoronasse, suas ruínas o atingiriam sem o abalar). A parte da frase que Baudelaire utiliza para justificar o uso do dicionário é: *inpavidum ferient* (suas ruínas o atingiriam), ao dizer que

(...) Para compreender bem a extensão do sentido implicado nessa frase, é preciso imaginar os usos numerosos e ordinários do dicionário. Procura-se ali o sentido das palavras, as gerações das palavras, a etimologia das palavras; enfim, extrai-se dali todos os elementos que compõem uma frase e uma narração; mas ninguém jamais considerou o dicionário como uma composição no sentido poético da palavra. Os pintores que obedecem à imaginação procuram no dicionário os elementos que se harmonizam com sua concepção; (...) (Cf. Baudelaire, 1993, p. 97)

Por fim, ainda que esta tese não tenha um padrão de elegância de estilo como os apresentados por Bluteau, Baudelaire e outros especialistas mais modernos em estilo literário — nem esta também é a preocupação básica deste estudo —, nunca é demais se preocupar com o ele. São inúmeros os conceitos sobre estilo, e o autor mais recente a ressaltar a importância do mesmo, é contemporâneo historiador inglês Peter Burke, ao resenhar um livro do também contemporâneo historiador francês Emmanuel Le Roy Ladurie sobre *Saint-Simon ou le Système de la Cour*. Mesmo apresentando alguma discórdia no que se refere à abordagem do tema, Burke ressalta no seu colega francês, a elegância de estilo semelhante à defendida por Bluteau no início do século XVIII, assim dizendo:

(...) Houve um tempo, não muito longínquo, em que a maioria dos historiadores profissionais desconfiava da escrita elegante como se existisse algo de imoral tentar atrair os leitores oferecendo-lhes mais do que "os fatos", servidos sem nenhum ornamento, como a comida inglesa. (Sobre Le Roy Ladurie) Escreve uma mistura de coloquialismos, anglicismos, latinismos, neologismos e de circunlocuções arcaicas. (...) escreve com estilo. Fluente em todos os momentos, freqüentemente sensível e por vezes divertido, "Saint-Simon ou le Système de la Cour, atrai tanto quanto qualquer bom romance. (Cf. Burke, BURKE, Peter. FSP., 27/09/1998. Caderno Mais. p. 2)

E assim COGITO [poema de Torquato Neto] que

Eu sou como eu sou/ pronome/ pessoal intransferível/ do homem que iniciei/ na media/ o impossível/ Eu sou como eu sou/ agora/ sem grandes segredos dantes/ sem/ novos segredos dentes/ nesta hora/ Eu sou como eu sou/ presente/ desferrolhado/ indecente/ feito um pedaço de mim/ Eu sou como eu sou/ vidente/ e vivo/ tranqüilamente/ todas as horas do fim. (Cf. Neto, 1982, p 98)

Cogitei, ainda, em usar nesta introdução o pronome na 1ª pessoa do singular, porque se identifica mais com a maneira de me manifestar por escrito ou oralmente, assim como, ao menos em alguns momentos, posso me libertar do tradicional modelo sobre o uso do pronome pessoal no imperativo ou no impessoal da primeira pessoa do plural, utilizado na maioria absoluta dos trabalhos científicos. Entrementes, tentei sistematizar o volume do material usado e dos elementos concretos e/ou abstratos que serviram de base à análise e formulações teóricas de conceitos, e a fim de comprovar as hipóteses apresentadas no presente estudo. Esses elementos abstrato, são os mesmos que procurei definir, ainda que em um nível bastante preliminar, no capítulo III, item 3.1.1.1.1. Portanto, se trata de sistematizar no espaço cognitivo da minha mente, o sentido dos discursos das diferentes fontes testemunhos — cujo conceito das mesmas está no capítulo II, item 2.1, em particular o do historiador francês Marc Bloch —, e interpretá-lo à luz do quadro estruturado nos três capítulos iniciais, que perpassa ao longo dos demais.

Cabe ainda ressaltar que, à exceção desta introdução — escrita praticamente na 1ª pessoa do singular, e as citações que foram respeitadas as escritas dos seus autores —, o restante da tese foi escrita em outros tempos e modos verbais. Finalmente, após esta longada, a tese foi concluída com a dimensão que se apresenta nesta versão final, contendo, além dos seus atributos naturais, a divisão em três tomos e nove capítulos, cujos resumos serão apresentados no próximo item.

Na condição de autor da tese, cujo envolvimento já foi dito acima, me dá a impressão que um outro aspecto que reforça a originalidade desta trabalho é a forma de tratamento/interpretação de uma série de fontes menos conhecidas por serem menos divulgadas. Esta parte, na minha opinião, é a que vai construir a essência do presente trabalho. No entanto, se um testemunho específico tem a sua complexidade própria, esta decorre, segundo Fieldler-Ferrara (1994, p. 36), “(...)

mais *da relação entre o sujeito e o objeto no processo de interação do que da estrutura intrínseca do objeto observado*”. De qualquer forma, esta é uma equação para ser resolvida por quem se propôs e resolveu enfrentá-la. Citá-la na sua integral apenas como mais uma ilustração ou como mais um anexo, também não tem muito significado e, em vez de enriquecer o trabalho e fundamentar a sua originalidade, pode levar o risco de terminar sendo um amontoado de idéias desconexas no texto.

Mas de certa forma, este problema foi minimizado lançando mão de algumas citações mais longas e outras mais curtas, visto que uma das funções do presente estudo é a de reciprocamente construir um objeto original do conhecimento e disseminar, ao menos, parte dessas fontes ainda pouco divulgadas. Este fator contribui. Em decorrência dos cesses fatores, não posso negar que o tamanho da tese tenha ficado um tanto quanto longo. Mas sobre isto, quem melhor esclareceu foi o professor Luís Flávio de Carvalho Costa na arguição da tese de doutorado de Maria Campos, apresentada no CPDA/UFRRJ, em 22/07/99. Por isso, esclareço esta questão com a sua lúcida observação ao dizer que “(...) *uma tese grande tem muitos inconvenientes, mas ao mesmo tempo se justifica pela amplitude do tema nela tratado*”.

Em razão destes aspectos acima citados, a dividi em tomos para melhor estabelecer a disposição dos assuntos e, logicamente, do material nela usado. Esta divisão indica uma melhor a ordem dos mesmo, uma vez que, as três partes que compõem a tese se constituem em unidades autônomas e ao mesmo tempo integradas à totalidade do tema.

8) A divisão da tese

Tomo I. *Conjetura sobre o passado transcendental dos saberes agrários brasileiros.*

Este tomo é composto de quatro partes:

1) Pré-texto: capa, uma folha em branco, página de rosto, aprovação pela banca, página de rosto, dedicatória, agradecimentos, homenagem,¹⁵ créditos,¹⁶ biografia (anexo 1: Memorial do autor), sumário, índice das figuras, relação das instituições pesquisadas, resumo em português, resumo em inglês, resumo em francês e introdução à feição de uma pré-liminar da tese.

2) Capítulo I. *A barca da exegese: ou navegar com o levitar da palavra seguindo um objeto em direção a um ponto que nem sempre é o final.* Procurei fazer uma abordagem teórica desde o uso da palavra no cotidiano, à transmutação da mesma na estrutura da linguagem do discurso dos saberes. A expressão *a barca da exegese*, obviamente, é uma metáfora que traz embutida em si, oculta em si, o significado de uma viagem imaginária. E como essa *viagem* será construída a partir de fragmentos de testemunhos¹⁷ sobre uma dada realidade — no caso desta tese a que compreende o período de formação e/ou atuação do Estado Monárquico Português — procurei extrair, na maneira do possível, o sentido do confronto do discurso do colonizador.

Embora seja óbvio, jamais seria um estigma começar um texto dizendo que toda a energia do ser humano, em qualquer espaço sociocultural e momento histórico, é representada pela palavra. Isto é, quando ela é expressa oralmente, por escrito ou através das imagens, constituindo assim o sistema ou a ciência da linguagem e também da tentativa de empregar, corretamente, o significado

¹⁵ Este item foi incluído, porque sentir que esta era uma boa ocasião para dizer algumas palavras sobre pessoas que diretamente contribuíram com bom grado para a minha formação acadêmica e profissional.

¹⁶ Separei os créditos dos agradecimentos.

¹⁷ Conforme será definido no capítulo II.

semântico das palavras segundo a historicidade natural do sentido do discurso contido na textualidade das fontes testemunhos, de acordo com a definição das mesmas no capítulo II: *Fontes testemunhos: representação de fatos e/ou acontecimentos*.

3) Capítulo II. *O sentido lógico das fontes testemunhos.* Fiz um breve esclarecimento do porquê usar do conceito fontes testemunhos como representação de fatos e/ou conhecimentos, e não fontes documentais, como são tradicionalmente usados. Da mesma forma, foi a justificativa e a conclusão deste argumento, tentando mostrar que a reciprocidade da palavra no discurso, e vice-versa, apreende-se à historicidade das fontes testemunhos.

4) Capítulo III. *O sentido do discurso na escrita da história e na literária.* Mantêm uma íntima reciprocidade com o que foi apresentado nos capítulos anteriores. Portanto, trata da diferença e/ou especificidade de ambas as escritas, que são, obviamente, partes integrantes das fontes testemunhos. Ainda como enriquecimento desta lógica argumentativa, faço pequenas incursões pelo *silêncio* do discurso da história de curta e longa duração, e pela reciprocidade entre o *fenômeno* do discurso da história e o da informação. Neste último aspecto, reforçando a idéia da metáfora que intitula o primeiro capítulo, fiz uma síntese consolidativa ao capítulo e, conseqüentemente, ao assunto que deu origem ao respectivo tomo.

Tomo II. *A transformação do passado transcendental dos saberes agrários brasileiros.* Este tomo está dividido em três capítulos:

1) Capítulo IV. *Cena introdutória ao passado transcendental dos saberes agrários brasileiros.* Este capítulo começa com o item *Gênese*, por introduzir, de fato, o tema da tese, segundo a conjetura apresentada no Tomo I. O seu estilo discursivo e estrutura redacional se assemelham aos das crônicas nobiliárquicas do período aqui estudado. Insinua-se, portanto, uma Cerimônia-Sacramental de conjetura criativa ao Fidelíssimo D. Manuel, em 1519, para comemorar a publicação do mapa Terra Brasilis, que foi analisado no capítulo VII.

A referida cerimônia, mesmo sendo apenas para estimular o apetite da

memória e do bom senso da imaginação, seria preparada por dois interlocutores então membros da Sociedade da corte portuguesa: Damião de Góis e Gaspar Correia. Mantendo este estilo, fazem breves apreciações sobre as reações sangüíneas do passado transcendental de D. Manuel I. De um passado que não podia ser diferente, pois o mesmo foi forjado no entremeio do jogo de interesse *comercial-financeiro-sangüíneo*, que vai ser no governo do seu sucessor, o avarento D. João III — tema que é retomado nos capítulos V ao VIII — o instalador da Inquisição em Portugal, embora na prática ela já existisse desde acordo assinado entre os reis católicos da Espanha e D. Manuel. Ainda no início de século XVI, Portugal tinha apenas Lisboa como o grande centro de agitação urbana e comercial do seu Império colonial. Coimbra, Porto e Évora como centro médio e uma infinidade de pequenos aglomerados de vilas estavam subordinadas quase que exclusivamente à pequena produção agrícola e a um incipiente comércio local.

O capítulo faz ainda breves referências sobre o modo de ser do referido monarca, o seu aparente desprezo pela ocupação das terras do Brasil. Na qualidade de rei sangüíneo, a preocupação não era o saber agrário, mas sim os seus compromissos ideológicos que se prendem, em última instância, ao espírito gananciosos pela expansão das fronteiras do seu reino. Ganância tinha também, por alvíssaras, características essas comuns aqueles *varões providentes e padronadores* da gente e da cultura lusitana — adjetivo este já definido no capítulo II, em particular dos descendentes direto de D. João I, o Mestre de Avis, tema este do capítulo seguinte.

Capítulo V. *A reciprocidade entre o passado transcendental dos saberes agrários brasileiros aos laços sangüíneos de D. Manuel.* O presente capítulo faz uma tentativa de síntese da linearidade ideológica das classes hegemônicas portuguesas. Começa descrevendo e ilustrando a interação entre a ascensão da nova monarquia portuguesa com a da também nova fidalguia comercial-guerreira ao poder. Estas, chegaram ao poder em 1385, com a vitória das batalhas de Lamego e Aljubarrota, à sombra de D. João I, o Mestre de Avis, e a ação do

condestável **18** Nunálves Pereira, comandando uma plebe composta, basicamente, de pessoas ocupadas na pequena agricultura e no pastoreio e de alguns desocupados.

Como vitorioso de guerra e dono que era da maior parte das terras do reino, Nunálves consegue a sua vitória maior ao se casar com a filha do seu rei, paixão ardente de toda a sua vida, conforme é cantada em poema, provavelmente de sua autoria, publicado no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende. D. João I não atribuía a vitória dessas batalhas apenas à força humana, mas sobretudo à de Deus, pois, ao se propor tomar o poder das mãos da velha monarquia agrária, sua parente sangüínea pelo lado paterno, fez promessa à Nossa Senhora da Vitória para que pudesse ser o vencedor. Como prenda a dita Santa, prometeu-lhe fazer um mosteiro que receberia o nome de Mosteiro de Nossa Senhora da Vitória, e que depois passou a ser chamado também de Mosteiro da Batalha.

Reconheceu também a participação de mais alguns fidalgos nessas vitórias e os agraciou dando-lhes terras e títulos de nobres. Ficou praticamente cinqüenta anos no poder, o que lhe proporcionou — não apenas se vingar dos seus parentes perseguidores, que normalmente eram presos ou assassinados, como mostra o seu cronista-mor Fernão Lopes — investir em novas tecnologias náuticas e nas descobertas de novas terras. Não desprezou de todo a agricultura, uma vez que foi o primeiro chefe de Estado português de então a fazer, em 1404, uma breve experiência com cana-de-açúcar nos Algarves, cuja matriz foi buscar na Itália. Dos seus três filhos vingados, o mais velho foi o herdeiro natural do trono durante 46 anos (D. Afonso, 1446 a 1481), o segundo foi regente por alguns anos (D. Pedro) e o terceiro foi apenas um casto Infante navegador (D. Henrique).

Mas foi este último o *varão providente* mais investido e realizador dos feitos e efeitos dessa nascente dinastia. E, assim, analisou-se a sua atuação com os investimentos feitos em Sagres e transformando o golfo na maior expressão européia no campo da ciência náutica do século XV. Da vila de Sagres às outras

¹⁸ Título este que posteriormente era dado aos 'intendentes das cavaliariças reais'.

terras, D. Henrique chega com o interesse de conquistá-las, principalmente, as terras da África para buscar ouro, prata e demais especiarias. Neste ínterim, vem à sua idéia que possivelmente daria certo transformar seres humanos em mercadorias, dando início assim à escravidão moderna, cujo mercado promissor futuro vai ser o Brasil. Essa, e outras ações do Infante, tal como a da tomada da Guiné, a ocupação, queima da floresta e o plantio de cana na ilha da Madeira, foram justificadas pelo seu cronista e amigo fraterno Gomes Eannes de Azurara (o Zurara). Neste sentido, o referido capítulo faz uma breve apreciação, relacionando os primeiros frutos da adonação (conceito este que está definido no capítulo I) do além-mar português. Por fim, de maneira meio *escarnecedora*, procurei ainda apresentar concisamente que a coroa dos reis de Portugal era de ouro, prata, escravos, comércio e navegação, exceto de embrião de graus.

Capítulo VI. *Saberes agrários brasileiros ocultos nas informações do passado transcendental da cartografia portuguesa.* Refere-se à cartografia produzida e usada nas navegações portuguesas, em particular, a partir do reinado de D. João I, continuada pelo Infante D. Henrique e cujo auge foi alcançado no reinado de Manuel I, o Venturoso. Procurei mostrar, também, como a concepção dessa cartografia e demais equipamentos de marear vinculavam-se à concepção cosmológica da época, conforme já descrevi acima quando me referi à Escolástica e à teoria de Cláudio Ptolomeu.

A intenção básica que está nas entrelinhas deste capítulo é a de demonstrar como a dominância dessa concepção condicionava a forma de pensar e de agir das classes hegemônicas, não apenas portuguesa, mas de toda a Europa católica até a data limite do século XVIII. Por ser um capítulo com características aparentemente ambíguas, ele interage os assuntos tratados nos capítulos anteriores com os dos posteriores. Por isso, foram destacados os temas que considere mais relevantes à comprovação da hipótese da tese, tais como: cartografia, experiência prática na terra modificando a cosmologia universal; a materialidade cosmológica pela produção do sentido do discurso cartográfico; o uso do astrolábio e demais instrumentos de marear como complemento à percepção do

universo e à cartografia portuguesa: materialidade da representação cosmológica dos séculos XV e XVI.

Procurei fazer ainda uma breve reflexão de como se usava o conhecimento da astrologia, que na época era considerada uma ciência complementar à astronomia, com os calendários sobre o uso e o cultivo da terra, segundo a determinação da posição dos signos de cada mês. Pretendia aprofundar este aspecto a partir dos tradicionais manuais agrícolas que começavam a circular na Europa, principalmente, na França, mas, lamentavelmente, em relação a Portugal e ao Brasil, exceto o clássico livro de Antonil, *Cultura e Opulência do Brasil*, só foi possível identificar apenas um opúsculo de 19 páginas publicado no Porto, em 1756. Procurei exemplificar todos os temas aqui tratados, ilustrando-os com imagens, visto que, através delas, se torna mais visível a percepção do processo de transmutação, segundo o conceito que foi adotado nesta tese e que procurei definir no capítulo I.

Tomo III. *O futuro do passado transcendental dos saberes agrários brasileiros.* O seu conteúdo temático compreende os elementos ordenados e relacionados entre si de forma dinâmica. Os referidos elementos relacionam-se com os dois tomos anteriores e ambos esboçam os das considerações finais que foram simultaneamente elaboradas com o capítulo IX.

1) Capítulo VII — O olhar europeu para a Terra dos Papagaios. Baseando-me nas fontes testemunhos escritas e visuais produzidas a partir do século XVI, elaborei uma síntese sobre o olhar europeu para a América (Brasil), sob o signo da visão do Paraíso Terreal. Tentando visualizar alguns aspectos que também já foram colocados anteriormente, tanto em relação à teoria em si como à representação concreta da cartografia, não no nível de detalhes como os apresentados por Thevet no capítulo seguinte. Apresentei aí algumas figuras representando momentos específicos sobre a concepção cosmológica do Universo.

À vista desta perspectiva dinamicamente interacional, o capítulo aponta em direção às transformações constantes e/ou permanentes do fenómeno do passado transcendental dos referidos saberes, mediante os mesmos se constróem

e se dissolvem noutras coisas. Destarte, aqui a barca da exegese, cuja viagem começou no primeiro capítulo, conduziu até aqui e continuou conduzindo pelos dois últimos a construção do referido objeto, não como uma simples soma, mas sim, como uma interação coesa dos fenômenos que permeiam por toda a tese.

2) Capítulo VIII – Século XVI: Terra Brasilis. À vista!!!

Por ser o penúltimo do estudo em pauta, fiz uma pré-consolidação da idéia que já vem de lá do lado das palavras escritas no início do capítulo I. O presente capítulo, é uma interpretação do mapa Terra Brasilis e demais testemunhos referentes ao século XVI, até aproximadamente as duas primeiras décadas do século seguinte. Evidente, que na análise incluí opiniões de autores de outras épocas, em particular, os atuais que estudaram a história agrária e outros aspectos da sociedade brasileira em construção. Da mesma forma que os demais, este capítulo apresenta uma estrutura ambígua, pois, por um lado, procurei criar uma estrutura que assegurasse a reciprocidade simultânea entre todos os nove capítulos da tese, e, por outro, uma nova estrutura lógica específica ao seu objeto.

Ressaltei ainda no primeiro item deste capítulo que a narrativa da tese tende ao passado, mas nem por isso tem nenhuma intenção de se prender à saudade do mesmo ou à esperança aleatória de um *futuro* desconhecido. E, pensando no presente, suavemente *arrancou-se*, no capítulo I, a ideação de uma viagem tipo expedição virtual mas de caráter real no tempo e no espaço, naquela nave da exegese. Esta foi fundamentada teoricamente no capítulo I, ideada no II e desenvolvida no III e no IV e espera-se ser reforçada no presente, uma vez que o seguinte, embora passe em revista o Brasil do século XVII e aponte para o XVIII, também se reservará às considerações finais do estudo em curso.

3) Capítulo IX. Século XVII. Cena conclusiva do passado transcendental dos saberes agrários brasileiros.

Composto de quatro itens, que, como foi dito acima, vou fazendo simultaneamente as considerações finais da tese e confirmando a hipótese sobre a transmutação do passado transcendental desses saberes agrários. O referido conceito, cuja maturação da sua construção teórica está na idéia metafórica da barca da exegese, começa exatamente no capítulo I, se fortalece nos

dois do Tomo I, vai se reformulando nos capítulos dos demais tomos, e, finalmente, se materializará nesse capítulo.

Tal processo se encerra com a análise de fragmentos de 1705 sobre o levamento de algumas espécies nativas do Brasil para serem testadas em Portugal. Logo, à exceção dos capítulos anteriores, as fontes testemunhos são arroladas segundo um ordem que por si só demonstram, ilustram, justificam e, num movimento de reciprocidade assimilam e são assimiladas pela formulação teórica da hipótese da tese. Isto não significa que esteja aqui me propondo fazer uma antologia documental e assim querer justificar o injustificável, pois o testemunho em si é apenas um meio e não um fim da análise histórica. Ao contrário disso, mesmo porque não se trata de um estudo no campo da micro-história que busca explorar apenas um único e exclusivo documento, mas sim de um estudo cujos sentidos discursivos dos fragmentos documentativos analisados, vão dando subsídios à formulação teórico-metodológica do objeto aqui estudado, e creio assim que este aspecto espero seja possível ser observado no desenvolvimento da tese.

4) Referências bibliográficas: a) fontes primárias; b) bibliografia geral; c) bibliografia de referência; d) bibliografia das ilustrações e c) acervos iconográficos.

5) anexo 1. memorial substituindo a biografia.

9) O pré-juízo final

Por conseguinte, observa-se ainda que a hipótese adotada neste trabalho não nega a relação de classe do processo de formação primeira da sociedade brasileira. Ao contrário, na tentativa de mostrar uma nova forma de um olhar ainda muito pouco explorada pelos especialistas nesta área do conhecimento, se pretende aqui, não a formulação de uma outra teoria analítica — pois este não foi o objetivo do presente estudo —, mas ao menos, estruturar um esboço de um novo ou diferente modelo que tenha alguma utilidade prática e não termine se identificando com a frase do pequeno proprietário rural citado na epígrafe da

dissertação da Robenise Gato acima referida.

Ao mesmo tempo, nunca é demais fazer mais um outro alerta, e este é sobre o conceito transmutação. Ele não deixa de ter uma face funcional, mas a sua essência é a materialidade do devenir, do conhecer o fenômeno do sujeito/objeto do saber em apreciação, resultante de revelações e/ou expressões criadoras de valores (cultural, ideológico, educacional, lingüístico, técnico-científico) e dos discursos dos confrontos próprios do processo de construção social, segundo às circunstâncias históricas em momentos definidos.

Aqui, a metáfora, *a barca da exegese*, que intitula o primeiro capítulo e fez o seu ancoramento no último, *levando* para a Metrópole o carregamento de sementes de pinhão genuinamente brasileiro, para lá experimentar o seu cultivo. Essa longa trajetória, foi para procurar confirmar a hipótese da transmutação do passado transcendental dos saberes agrários brasileiros no passado transcendental de outros saberes lusitanos e/ou europeus, mais exatamente nos praticados pelo Estado Monárquico português. Para esta confirmação, foram usadas as diferentes fontes testemunhos, como disse acima e estão definidas no capítulo II, entre as quais foram incluídas as ilustrações. As mesmas, aparecem distribuídas, segundo o sentido lógico das suas representações em cada capítulo da tese, inclusive as que estão no início e no fim desta introdução.

Mesmo assim, justifica as suas inclusões nesta tese, dada a sua força imagética como síntese da representação de um assunto similar ao tratado neste estudo. E, como complemento aos sentidos das duas ilustrações citadas, transcrevo aqui uma pequena mensagem do filme — que a crítica cinematográfica internacional considerou como o mais importante da filmografia do Cinema Novo brasileira —, para refletir sobre o objeto que foi tratado nesta tese. Se o seu autor estivesse vivo, possivelmente concordaria com o que foi dito aqui nesta tese e certamente repetiria esta sua canção:

(...) Está contada a minha história, / Verdade, imaginação. / Espero que o Senhor / Tenha tirado uma lição / Que assim mal divido / Este mundo anda errado. / Pois a Terra / é do homem / Não é de Deus nem do Diabo. / Não é de Deus, não é de Deus. / Não é de Deus nem do Diabo... / Trilha sonora do filme Deus e o Diabo na Terra do Sol, de Glauber

Rocha. Letra de Glauber Rocha, música e voz de Sérgio Ricardo.

Destarte, termino esta introdução esclarecendo que o presente estudo, ao menos da forma como o foi tratado, espero que seja inédito. Mesmo se não for, uma face especial ele tem e se junta àquelas preocupações de um Frei Beto, de um Darcy Ribeiro e de tantos outros mais. Mas o espírito crítico que porventura aparece em alguns momentos não é direcionado à totalidade das sociedades brasileira e ibéricas, mas sim a herança daqueles varões previdentes, em particular os que estão dentro ou mesmo na periferia da galeria onde habitam e agem da mesma maneira daqueles que requintadamente participaram da *baixa comédia* na solenidade de comemoração oficial dos 500 anos de Descobrimento.

Aqueles, que talvez as suas imaginações sejam tão fingidoras quanto as palavras bíblicas de Coélet¹⁹, filho de Davi, rei de Jerusalém sobre a Vaidade²⁰ das vaidades. Apesar de que, na poesia hebraica que aparece no *Velho Testamento*, dizem os seus tradutores, “(...) a palavra vaidade descreve a fragilidade humana, enquanto que, no uso de Coélet, o termo perdeu o seu sentido concreto, evocando apenas o ser ilusório das palavras e, por conseguinte, a decepção que elas proporcionam ao homem”. (In Bíblia de Jerusalém, p. 1166)

E por se tratar também de imaginações de *varões previdentes*, cujas ideologias continuam presas à linearidade histórica daqueles que construíram, com ênfase neste mesmo mito o Império colonial português, é possível supor ainda que nos sentidos dos seus discursos — que são, portanto, as representações mais avançadas do discurso do confronto, conforme mostra Eni Orlandi no seu livro *Terra à Vista* —, aquele ato representasse a bondade e a maldade. Esta, certamente superada pelo bem-fazer do espírito cristão disseminado no Brasil naquela primeira missa de 1º de maio de 1500, rezada pelo Frei Henrique Soares, àqueles sem *fé, lei* ou *rei*. E o ufanista espírito de *benevolência* para com estes que sempre foram

¹⁹ Notas do tradutor: “(...) ‘Coélet’, ou ‘Eclesiastes’: o homem da assembleia (em hebraico *quhal*, em grego *ekklesia*). De um lado, esse termo significa o Mestre ou Orador; do outro, o representante da assembleia, o público personificado e que, cansado do ensinamento clássico, aproveita o ensejo para fazer uso da palavra.

²⁰ Idem: “(...) O termo que traduzimos por “vaidade”, segundo as versões tradicionais, significa,

considerados seres inferiores — porém novos, desconhecidos ou atípicos em relação ao velho padrão civilizatório da Europa cristã — traz embutido o condicionamento do pensar a eternidade, do “(...) *que foi, será. O que se fez se tornará a fazer*”. (Cf. Eclesiastes, In Bíblia de Jerusalém, p. 1166)

Mas, a retórica de ufanismo, como ressaltou o historiador José Murilo de Carvalho, “(...) *só serve para encobrir nossa frustração como povo e como nação. Povo e nação que, como disse Renan, existem devido à realização de grandes obras comuns no passado e da vontade de fazer outras tantas no presente*”. E onde estão as do Brasil? Certamente nas mentalidades e materialidades daqueles acima referidos, porque para a grande maioria da sociedade, essas obras, se é que algum dia foram feitas, devem ter caído na vala cabocla do tempo. No entanto, tempo para fazê-las ainda há. E, forem feitas, mesmo que não sejam das melhores, seria muito útil a uma densa parcela dessa sociedade que ainda carrega nas suas costas o peso colonial, produto dessa mal traçada história, tanto a real quanto a escrita

E como não tenho vocação para pessimismo, espero que o presente estudo possa despertar interesse a mais alguém que esteja afeiçoado com o assunto, não importa que seja contra ou a favor, exceto aquele que por propensão natural de humor manifestar ofensa à honestidade de como o foi produzido.